

Lindos Casos da mediunidade de eurípedes - Corina Novelino

Ficha técnica:

Título: Lindos Casos da mediunidade de eurípedes

Autor: Corina Novelino

Editora: Grupo Espírita Esperança e Caridade

Ano de publicação: 2007.

Gênero: Espiritismo. Eurípedes Barsanulfo - Casos Mediúnicos.

Número total de páginas: 112

Numeração de página: Cabeçalho.

Editora: Grupo Espírita Esperança e Caridade

Sinopse:

Neste livro, o leitor encontrará alguns casos que evidenciam as várias mediunidades de Eurípedes. Verá como o Apóstolo Sacramentano as empregava para amenizar a dor que campeava no Brasil do começo do século XX. Alguns casos trazem um quê de humor e outros, por certo, provocarão sérias reflexões. O leitor perceberá que a mediunidade em Eurípedes era tão natural que, muitas vezes, ele a empregava para saber o que ocorria nas cercanias do hoje centenário Colégio Allan Kardec. É o caso ocorrido com o aluno chamado de “Senhor Cristino”. O peralta, frequentemente, faltava às aulas e Eurípedes utilizava o seu corpo espiritual para encontrá-lo nos seus sítios preferidos. Verá os conhecimentos fitoterápicos do médium receitando o cozimento da folha de amoreira para as ondas de calor da menopausa ou o chá das folhas de erva mular para a cura de gripes. Ficará impressionado com as cirurgias feitas em parceria com o doutor Bezerra de Menezes, sem um instrumental apropriado e as curas feitas por meio do passe e de ervas medicinais. Comprovará, que o perispírito guarda na sua intimidade aquilo que ocorre com o corpo físico, ao ler o caso que fala de um prego no pé de um enfermo. Finalmente, sentirá em alguns casos o fenômeno de bilocação e de desdobramento, importantes para curas que eram feitas no pequeno burgo, destituídos de melhores meios de locomoção.

ISBN 978-85-88821-08-8

Orelhas:

Este livro, *Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes*, nasceu de uma garimpagem nos guardados da memória de muitos assistidos por Eurípedes. São casos que a beletrista Corina Novelino não pôde aproveitar no seu livro *Eurípedes - O Homem e a Missão* e que agora vêm a lume.

A coleta dos casos foi feita pela pesquisadora ouvindo os incontáveis beneficiários da mediunidade luminosa, tendo-lhes dado, posteriormente, um tratamento literário.

São casos em que se vislumbram a parceria do doutor Bezerra de Menezes e o nosso Eurípedes, na cura de enfermidades e na prática de cirurgia que a Medicina da época longe estava de solucionar. Aqui temos, entre outros, *O braço amputado* e *o perispírito*, *Os desdobramentos de Eurípedes*, *O estilhaço do fogueteiro de Delfinópolis*, *Um aborto terapêutico*, *A preciência de Eurípedes*, *Um desdobramento providencial*, *A cura da menopausa*, *Um aviso doutro mundo*, *Um caso de asma* e *Uma doença chamada nove meses*.

Lê-los é voltar ao começo do século XX e sentir o carinho com que o Apóstolo Sacramentano tratava os que o procuravam e meditar neles é extrair preciosos ensinamentos sobre a prática da caridade desinteressada.

Com este livro, o Grupo Espírita Esperança e Caridade comemora o centenário do Colégio Allan Kardec - este celeiro de luz a espargir a mensagem neotestamentária como forma de evangelização do Espírito imortal.

editora esperança e caridade

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

Corina Novelino

1ª edição - 3.000 exemplares - abril/2007

Copyright 2005 by Grupo Espírita Esperança e Caridade

Av. Visconde do Rio Branco, 159 38190-000 - Sacramento, MG

Brasil

Revisão: *Equipe do Grupo Espírita Esperança e Caridade*

Capa e Editoração eletrônica:

Editora EME - Fone/Fax: (19) 3491-7000 E-mail: atendimento@editoraeme.com.br

Impresso no Brasil Presita em Brazilo

Todo o produto desta edição é destinado à manutenção do Educandário Eurípedes Barsanulfo, obra social do Grupo Espírita Esperança e Caridade. (Sacramento, MG - Brasil)

5

Corina Novelino

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

Sacramento-MG - 2007 -

Ficha Catalográfica

Novelino, Corina

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes, Corina Novelino, 1ª edição abril/2007,
Sacramento-MG: Editora Grupo Espírita Esperança e Caridade.

112 p.

ISBN 978-85-88821-08-8

1 - Espiritismo. Eurípedes Barsanulfo

2 - Casos Mediúnicos

CD 133.9

índice

À guisa de prefácio	9
Bezerra e Eurípedes: uma parceria	15
O braço amputado e o perispírito	19
Os desdobramentos de Eurípedes	25
O estilhaço do fogueteiro de Delfinópolis	27
A surpresa de Cristino: a mediunidade a serviço da escola	31
Um serviço de correio diferente	35
A farmácia e o horário	37
A doença não espera	39
Um aborto terapêutico	43
A preciência de Eurípedes	45
A cura da hemoptise	47
Mais uma cura de hemoptise	49
O caso de benigno	51
O mal de Pott	53
Um caso de clarividência	55
Um desdobramento providencial	57
Erva mular - um preventivo de gripe	59
Eurípedes vê a roseira	61

Corina Novelino

Uma visão diferente	63	
Serviço em desdobramento	67	
A missão continua	69	
A cura da menopausa	71	
A fala de Zenom, um discípulo	73	
Um caso de asma	75	
Um aviso doutro mundo	77	
Um pouco de informações do doutor Eduardo	79	
Uma profissão de fé graças à dor	81	
Alguns relatos do médico doutor Rezende	85	
Mais um caso, agora, de obsessão	89	
A previsão de Eurípedes	91	
Uma sangria noturna	93	
Mais um caso de clarividência	95	
Não era preciso o remédio	97	
Um jovem desenganado	•	99
Um caso de asma	•	101
Uma doença chamada nove meses		105
Glossário	107	

À guisa de prefácio

Corina Novelino tinha um sonho. Era necessário escrever -sobre Eurípedes. Nada havia sido publicado que retratasse a vida missionária do iluminado apóstolo.

Um livro, entretanto, não nasce do nada. É preciso planejar, construir esquemas, proceder a fichamentos, entrevistar pessoas, consultar bibliotecas.

Sobre Eurípedes, pouco se sabia. Nascido em Sacramento, no final do século XIX, pouco deixou escrito. O seu tempo fora consumido em favor do próximo. Servindo ao Cristo e vivendo a Doutrina Espírita, Eurípedes não se preocupou consigo mesmo. A obra era do Cristo e, por isso, não havia necessidade de ressaltar a figura humana.

Se não houve muitos escritos sobre ele, a tradição oral, porém, trouxe-o para nossos dias. Cada vez que se vive o primeiro de maio, data comemorativa de seu natalício, se se pudessem anotar os casos, as histórias, os fatos, ter-se-iam vários livros sobre o filho sacramentano.

Isto ainda, contudo, não foi feito.

Corina, com sua visão de beletrista e de educadora, sabia que,

Corina Novelino

para construir um livro sobre Eurípedes, era preciso buscar as fontes, consultá-las, analisá-las, selecioná-las. Mas, como fazê-lo?

Optou-se pela pesquisa, por meio de questionário. Carinhosamente, Corina montou a carta abaixo:

Prezado Confrade.

Estamos fazendo um levantamento histórico da vida de Eurípedes Barsanulfo, junto aos seus ex-alunos e ex-companheiros de trabalho, a fim de preparar uma Biografia do Apóstolo de Sacramento, que pretendemos editar.

Para reunirmos os dados necessários para elaboração dessa Biografia, estamos enviando a todos os ex-alunos do colégio Allan Kardec e aos contemporâneos de Eurípedes, um questionário onde são indagados diversos aspectos relacionados com a sua vida. Estamos enviando, também, às pessoas que, embora não tenham vivido na época de Eurípedes, talvez tenham algo a relatar e que seja de interesse para a pesquisa.

Assim é que nos dirigimos ao prezado amigo, no sentido de solicitar a sua preciosa colaboração, enviando a esta entidade, com a brevidade possível, as respostas ao questionário que segue anexo a esta e, se puder, faça, também, um relato mais detalhado de algum fato que julgue importante. Seu depoimento é muito valioso, por pequeno que seja.

A correspondência poderá ser enviada para:

FUNDAÇÃO LAR DE EURÍPEDES

CAIXA POSTAL 31

38.190 - SACRAMENTO - MG

Certos de que receberemos uma resposta sua, antecipadamente, nossos agradecimentos, e, aproveitando a oportunidade, enviamos-lhe o nosso abraço fraterno.

Atenciosamente,

Corina Novelino

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

As respostas vieram em profusão. O trabalho de Corina foi, então, dar um tratamento literário às narrativas. Alguns casos foram aproveitados no livro Eurípedes - O Homem e a Missão, hoje, na 16a. edição (2004).

Anos após a publicação deste livro, o Grupo Espírita Esperança e Caridade iniciou uma pesquisa nos guardados de Corina, nos seus escritos, nas suas anotações. Percebeu que, no livro mencionado, por exigências textuais, não comportavam todos os casos da mediunidade gloriosa. Assim, pensou-se nesta publicação.

O livro é composto de textos oriundos das entrevistas enviadas por várias pessoas às quais Eurípedes serviu desinteressadamente. Corina leu-os com o carinho que lhe era peculiar e procurou dar-lhes uma forma literária.

Agora são alguns casos que revelam a mediunidade extraordinária deste lídimo apóstolo de Jesus. Dotado de várias mediunidades, Eurípedes as emprega para amenizar a dor que campeava o Brasil do começo do século XX.

Numa comunidade cuja presença da Medicina era praticamente nula, os enfermos, sobretudo os de pouca posse, só podiam contar com o auxílio deste taumaturgo que a Bondade Divina colocara em Sacramento.

Os casos mostram sempre a intervenção dos Espíritos Superiores, sob a direção do venerável Doutor Bezerra de Menezes.

A ligação entre estes dois espíritos: Eurípedes e Bezerra perde-se na poeira dos séculos. Possivelmente estiveram juntos quando Eurípedes vestiu a indumentária do escravo Rufo e que foi descrito pelo lápis de Chico Xavier, sob a inspiração de Emmanuel, em *Ave Cristo*. Segundo consta, Bezerra teria mantido um lar para órfãos na vetusta Lyon, a Lugdunum de ontem.

Esta confirmação, tivemos-la lendo o mensário Reformador. A centenária revista, órgão da Federação Espírita Brasileira, em edição especial de maio de 2005, estampa uma reportagem

Corina Novelino

com o título Encontro com Divaldo Pereira Franco. Nela, aquele valoroso semeador de estrelas narra, em um longo texto, um encontro que tivera com Francisco Cândido Xavier, há mais de cinqüenta anos.

Conta-nos que, duas vezes por ano, visitava, em Pedro Leopoldo, o médium Chico, participando das atividades mediúnicas e a da caridade desinteressada. Comenta, entre os fatos, a visita que fizeram a duas senhoras muito pobres, Lia e Maria da Conceição, residentes numa região denominada Lapinha, nas cercanias de Pedro Leopoldo.

Estas senhoras, depois de terem uma posição de relevo na corte de Felipe II e de se locupletarem ilicitamente de fortunas hauridas de famílias denunciadas por heresia, reencarnam em situações lastimáveis no Brasil.

A dor da existência lhes estava sendo minorada pela bondade do mediano de Pedro Leopoldo e pelo auxílio que nunca faltou dos Benfeitores Amigos. Num determinado momento da longa narrativa, Divaldo Franco indaga, numa de suas viagens, a Chico se iam visitar as pobrezinhas. A pergunta, Chico responde:

— *Ah, Divaldo, você não faz idéia do que aconteceu! Eu não lhe contei tudo. Naquele período, eu estava muito sofrido. A imprensa... as acusações descabidas, incompreensões dentro e fora de casa. Meu próprio pai não me entendia. Era muito severo com as pessoas que vinham conversar comigo. As vezes, portava-se mal, dizendo que eu não era médium coisa nenhuma, embora não o fizesse por mal. Ele era um vendedor de bilhetes da Loteria Federal, e afirmava que se eu fosse médium e se existissem Espíritos, esses dariam o número do bilhete para ele e acabávamos com a problemática da nossa pobreza. Ele não entendia a mediunidade. Eu estava, numa noite de Natal, muito amargurado! Sem ninguém, fisicamente. Luísa se encontrava com os seus filhos e esposo, no Lar, e eu não queria perturbá-los. Os meus irmãos reuniam-se com as suas famílias modestas, e esse era o momento deles. Então, quando tomado pela tristeza e solidão, lembrei-me: Como estariam Lia e Conceição? E já que nós éramos, possivelmente, as pessoas mais isoladas que*

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

eu poderia identificar, mais solitárias, resolvi visitá-las. Tomei um táxi e fui correndo até a Lapinha. Quando eu saltei do veículo e me aproximei do outeiro, eu vi uma espécie de "spot light", que descia de um ponto, que eu não podia identificar, do Infinito, salpicado de estrelas. Estrelas matizadas cobriam aquela choupana modesta. Quando eu me acerquei, à porta estava Eurípedes Barsanulfo, porém com a indumentária de Rufo.

Retornemos a palavra ao narrador Divaldo:

”Para quem não se recorda ou não leu o livro Ave Cristo!, ditado por Emmanuel, Rufus era um escravo, que, no século II, na cidade de Lyon, deu seu testemunho de fé, quando Taciano mandou matar os cristãos que viviam na então chamada Gália Lugdunense. A morte de Rufus foi muito dolorosa, porque ele foi amarrado à cauda de um potro bravio, para sair em disparada e despedaçá-lo. Quando Rufus estava nesta situação pungente, recordou-se que a esposa e os filhinhos haviam sido vendidos a um mercador de escravos. Ele reflexionava em agonia: *Jesus, que fazer? Eu poderei acabar com esta situação se abjurar à fé por amor a meus filhos e à minha mulher. Mas, que fazer? Ser fiel a Jesus...A minha vida eu a dou, mas a dos meus filhos e da companheira?* Assim mesmo ele optou por permanecer fiel a Jesus. Nesse transe, que são alguns segundos e parecem horas, o homem que comprara a sua família como escravos acercou-se e deu-lhe uma bofetada. Ao fazê-lo, abaixou-se e ciciou-lhe aos ouvidos: *Morre em paz. Eu também sou cristão. Cuidarei da tua família.* Ele então se entregou a Deus. E o Chico me narraria, depois, que os pedaços de Rufus ficaram pelas estradas, e que ele viu, psiquicamente, e essa parte não consta no livro, o sepultamento dos despojos recolhidos pelos seus irmãos de fé naquela noite, conduzindo archotes e cantando hinos de exaltação ao Bem.”

E Chico conclui:

— Estava ali Rufus, o bem-aventurado, porque, se ele já era cristão desse jaez àquela época, o seu ministério de apóstolo sacramentano era natural.

Como vêem, pela voz dos dois intérpretes da mediunidade,

Corina Novelino

temos a informação dessa pretérita encarnação de Eurípedes.

Alguns, também, salientam encarnação de Eurípedes como médico. Teria sido João Gaspar Laváter, nascido em Zurique, na Suíça, em 1741. Conforme assevera Hércio Marcos Cintra Arantes, no Anuário Espírita, publicado pelo Instituto de Difusão Espírita, de Araras, São Paulo, em 1969, Laváter foi um precursor da Doutrina Espírita e muitas de suas cartas enviadas à Imperatriz Maria Féodorawna, expondo alguns princípios espíritas, mereceram a atenção de Allan Kardec que as publicou na *Revue Spirite*, em 1868.

Laváter também se interessou muitíssimo, segundo seu amigo Goethe, pelo mesmerismo, tendo influenciado vários médicos, que, por sua vez, espalharam, com suas curas, as idéias mesméricas.

Teólogo, orador de renome, lidador no campo literário, amigo de J. H. Pestalozzi, Laváter demonstrou desde cedo uma grande preocupação com a educação, chegando a escrever um livro orientando os pais no tratamento de seus filhos. Como se vê, a vida de Eurípedes muito se aproxima do desse médico helvético.

Uma coisa é certa, Eurípedes, possivelmente, mais de uma vez defendeu o juramento de Hipocrates. Isto explica seu apostolar trabalho junto a enfermos.

Na existência última, conquanto tenha ido ao Rio de Janeiro, para os preparatórios para a faculdade de medicina, em virtude da enfermidade de sua mãezinha, dona Meca, regressa a Sacramento para viver sua missão.

A academia perde um médico e necessitados ganham um médium-médico que, durante os poucos anos em que esteve entre nós, foi este anjo da caridade que tanto veneramos.

Grupo Espírita Esperança e Caridade

Bezerra e Eurípedes: uma parceria

Os fatos mediúnicos ocorridos sob o fecundo conjunto de faculdades de Eurípedes são numerosos, cujo registro daria para compor vários compêndios.

É que Eurípedes estava em permanente contato com o plano espiritual. Cada minuto vivido ao lado dele proporcionava ao observador uma lição inesquecível de autêntico transcendentalismo. Todos os dias davam-se acontecimentos de alta monta, que, pela alta frequência, tornaram-se banais.

Na farmácia, realizavam-se fatos importantes, que resultavam no benefício de um sem número de enfermos.

O quarto de dormir de Eurípedes ficava contíguo à farmácia. Ao lado dela, na ala lateral direita da casa paterna, situava-se o quarto de Eurípedes, que providenciara uma entrada para os fundos, a fim de facilitar o trabalho daqueles que o procuravam durante a noite, sem perturbar a família. Assim, havia noites em que Eurípedes não se deitava, pois o dia não chegava para

Corina Novelino

as tarefas contábeis do escritório, onde permaneceu até o fim de seus dias e das quais auferia o numerário, com que se mantinha e, principalmente, atendia aos necessitados.

Ao trabalho material incluía-se o receituário, pois prescrevia, diariamente, numa média de mil receitas.

”A doença não espera por nosso comodismo”, costumava ele afirmar, explicando sua preocupação em atender, com disciplina, o tempo dedicado ao receituário.

Varias pessoas de fora e da cidade contam que Eurípedes as surpreendera, alta noite, quando o procuravam com um pedido urgente, e ele já lhes apresentava o medicamento, a que, invariavelmente, fazia acompanhar desta recomendação:

”Vai depressa, meu amigo, doença não espera...”

O portador corria, levando o remédio e a certeza de que Eurípedes estivera em contato com os Espíritos da Bondade, antes de sua chegada...

Assim, também, era Bezerra de Menezes, companheiro de Eurípedes, o colaborador efficientíssimo naquela tarefa excepcional, que lhes granjeou, por certo, luminosa folha de serviço, na Seara do Bem. O generoso ”Médico dos Pobres” manifestava-se a Eurípedes por diferentes modalidades, de acordo com as circunstâncias.

Quando os centros nervosos de Eurípedes pressentiam-se do desgaste de energias e o processo da intuição tornava-se difícil, Bezerra usava-lhe a faculdade mecânica.

Quando o aparelho começava a apresentar os primeiros sinais de fadiga, o bondoso orientador servia-se da audição de Eurípedes, ditando-lhe receitas e mais receitas.

Por fim, quando o volume do receituário exigia maiores parcelas de rapidez, o magnífico colaborador desdobrava, diante dos olhos espirituais do médium, uma tela branca, onde apareciam as receitas solicitadas.

Eurípedes atuava, também, como cirurgião e parteiro. Centenas de intervenções foram realizadas por Bezerra de

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

Menezes pelas mãos do médium. Nenhum caso se perdera por mais grave que se afigurasse.

Muitas vezes, Eurípedes recuara ante um caso mais delicado, temeroso de um possível fracasso. Bezerra, então, falava-lhe com energia, afirmando-lhe que tudo correria bem.

Assim acontecia sempre!

O braço amputado e o perispírito

Certa feita, um fazendeiro foi acidentado nos trabalhos de seu engenho de cana, montado sob os elementaríssimos processos conhecidos na época. Numa das voltas da rudimentar engrenagem, movida por animais, o pobre homem teve o antebraço e a mão esquerda totalmente esmigalhados. Trazido para a cidade, foi levado à presença de Eurípedes, que já o esperava, preparado com o material cirúrgico para uma operação de emergência.

Naquela manhã, Eurípedes encontrava-se, como de costume, sob o arvoredor do quintal, orando.

Após o colóquio com o Mundo Maior, através dos fios de ouro da prece, encaminha-se para a farmácia e ali encontra sua secretária, já àquela hora matinal, à espera das ordens do dia. Ela nota o sorriso suave e bom do grande amigo e pressente que lhe vai anunciar alguma notícia importante. Pressurosa, adianta-se:

— Espere, senhor Eurípedes, deixe-me contar-lhe o meu sonho primeiro...

Corina Novelino

— Não diga isso, D. Amália, não foi sonho. O que a senhora vai contar é a expressão da realidade...

— Sonhei, continua ela, teimosa, em não reconhecer, no pretenso sonho, um desdobramento espiritual, sonhei que eu e o senhor fizemos um vô sobre extensa mata, atravessamos estradas boiadeiras e fomos ter a uma casa de campo.

— Não era casa de campo, D. Amália. Era uma fazenda a casa onde estivemos, atalhou ele.

— Entramos na casa. Lá dentro, um homem ferido chorava desesperadamente, rodeado de numerosas pessoas. Todos sofriam. Divisei perfeitamente uma senhora de meia idade, que me pareceu mais desesperada...

— É a esposa do homem, confirma Eurípedes.

— Percebi muito sangue e o senhor, então, ordenou-me:

— Enquanto vou fazer um passe para estancar o sangue, a senhora vai à cozinha e intua a uma das mulheres para que faça um chá de um arbusto, existente no quintal (e diz o nome do vegetal, do que a secretária já não guarda o nome).

— Saí e fui à cozinha, onde se encontravam três senhoras. Cumprimentei-as e nenhuma me respondeu à saudação. Fiquei surpreendida, mas não disse nada. Aproximei-me de uma que se encontrava de pé junto do fogão e disse-lhe que era necessário fazer um chá de determinado vegetal para aliviar o ferido. A mulher nem se moveu. Quase indignada com a indiferença, busquei a outra moça e pedi-lhe que preparasse o chá para o enfermo. A moça nem se moveu, não deu pela minha presença.

Quase desanimada, cheguei-me à terceira mulher e lhe disse aflitivamente:

— Vamos fazer o chá que Senhor Eurípedes recomendou para o enfermo. Já falei com as outras duas, mas não me atenderam.

Naquele momento, a moça falou às companheiras:

— Tenho idéia para fazer um chá para papai da folha de... (e cita a mesma planta). Vai ser muito bom.

Duas delas manifestaram medo de atravessar o quintal.

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

A outra não tinha medo, mas não sabia onde estava a planta. Quando vi que a coisa tomava um rumo difícil, acerquei-me delas e lhes disse:

— Eu vou com vocês, não é preciso medo. E sem que me vissem acompanhei a duas delas. Atravessamos o denso arvoredo, que era, realmente, de meter medo. Fomos de um lado e outro, buscando aqui e ali as fugidas nesgas da lua, que se insinuavam às sombras. Tive tempo de apreciar a beleza do espetáculo. Marginando um canalzinho de água, que devia servir à fazenda, passamos pelo engenho e chegamos finalmente ao local, onde se situava o arbusto procurado. Uma das moças apanhou umas folhas. Lá dentro, a outra moça já havia preparado a água fervente para o chá. Dali a poucos minutos, estávamos no quarto, onde o doutor Bezerra de Menezes empenhava-se na paralisação do fluxo de sangue, que punha em perigo imediato a vida daquele homem.

A moça apresentou a tigela de chá ao enfermo, que sorveu todo o conteúdo.

Notei que o Senhor e Bezerra transmitiam aos familiares do ferido a intuição para que o levassem à farmácia, no dia seguinte.

— Trabalho difícil, acentua Eurípedes, pois a família é católica praticante. Na fazenda há uma capela. A senhora notou?

Tudo isto que a senhora me relatou é real. Estivemos na fazenda do Sr. Farjado. Este sofreu um desastre no engenho, quando trabalhava, a noite passada.

— Ele virá hoje ainda para ser socorrido?

— Não. Mas a senhora sabe que podemos atender a enfermos e socorrer aflitos, nos momentos de liberdade parcial do espírito. Tome nota destas coisas, pois, a senhora sai realmente comigo, nesses vãos conscientes pelo espaço. Eu a estou adestrando no serviço de assistência espiritual aos enfermos...

Realmente, admite hoje a secretária de Eurípedes atualmente Vovózinha do Lar de Eurípedes - em numerosas

Corina Novelino

ocasiões, fui arrebatada do corpo e conduzida a diferentes lugares, onde havia sempre enfermos.

Algumas horas após aquele diálogo entre Eurípedes e sua secretária, chegava à pensão do Sr. José Saturnino, cunhado de Eurípedes, o velho Fajardo, acompanhado de toda a família.

O fazendeiro exibia a mão e o antebraço em horrível estado. Os ossos da mão, bem como o cúbito e o rádio, estavam completamente esmigalhados. A família, desesperançada, viera preparada para o golpe mais rude. Não acreditavam os familiares que o velho resistisse a tantos sofrimentos.

Eurípedes anunciara a necessidade da imediata amputação dos membros inutilizados.

O trabalho fora perfeito. O doente estava fora do perigo de uma gangrena.

Estavam presentes alguns discípulos de Eurípedes, aliás, não faltavam eles a esses acontecimentos, proporcionando ao mestre pequenos, mas indispensáveis serviços de emergência.

Assistiram àquela delicadíssima intervenção cirúrgica com o sereno sangue frio de quem se achava habituado a presenciar fatos idênticos todos os dias.

Em geral, Eurípedes costumava confiar aos alunos a tarefa de enterrar as vísceras inutilizadas, de vez que os órgãos inteiros eram conservados em grandes vasos de vidro.

Naquele dia, o grupo estava predisposto à jocosidade natural dos estudantes. Resolveram eles efetuar um "enterro" com todo cerimonial de um autêntico serviço fúnebre. O pequeno cortejo conduz os restos mortais dos membros superiores esquerdos do fazendeiro. Colocaram aquela massa disforme numa urna improvisada. Ao baixar a cova rasa, o pobre defunto recebe o clássico panegírico, através de discursos, onde sua vida, útil até o heroísmo, é comentada e louvada.

A seguir, o caixão foi devidamente enterrado, sob belas coroas de flores naturais.

O acidentado permaneceu por alguns dias na Pensão para

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

os curativos necessários. Dentro de pouco, o ferimento estava completamente cicatrizado.

Contudo, três dias após a operação, apresentou-se o fazendeiro com terríveis dores em toda parte amputada, particularmente no dedo mínimo...

O velho parecia mais conturbado pelo fato de estar sentindo dores nos membros que já não existiam do que com o próprio sofrimento físico...

— Como pode ser isso, Senhor Eurípedes, me explica como posso sentir dor no dedo que não tenho mais?

Recorrendo a Bezerra de Menezes, Eurípedes recebe deste a informação de que a dor se localizara com mais recrudescência no dedo mínimo porque os discípulos, ao baterem a tampa da urna de madeira, um prego atravessara aquele dedo de lado a lado...(1)

— Mas como se explica o fato se a mão já não se achava no lugar? Interroga Eurípedes.

— A mão não está no lugar, mas o perispírito ali está a receber todas as impressões, como se fora o próprio membro amputado.

Corrigido o problema, o velho Fajardo nunca mais queixara daquelas dores, incompreensíveis para ele...

É fácil de entender-se a razão por que a cidade se tornara pequenina para abrigar a onda impetuosa de sofredores do corpo e da alma, que buscavam Eurípedes, na esperança de um lenitivo ou cura para seus males.

(1) - Desenterrados os membros, verificaram, Eurípedes e os alunos, que o dedo mínimo estava realmente atravessado por "respeitável" prego.

Os desdobramentos de Eurípedes

Numerosas casas particulares transformaram-se, de repente, em pensões improvisadas. A cidadezinha ficara, repentinamente, importante, dentro do seu aspecto humilde e acolhedor. Pelas ruas sujas e esburacadas, transitavam pessoas elegantes, procedentes dos grandes centros e até de outros países vizinhos.

Dos sítios e fazendas, chegavam grandes contingentes de necessitados.

Sacramento apresentava essa paisagem cosmopolita, característica dos centros turísticos ou estações balneárias.

Mas, aqui, os turistas eram enfermos à busca de cura. E a fonte miraculosa da saúde não era nenhuma terma. Era Eurípedes.

Essa fonte, às vezes saía de Sacramento, em socorro de enfermos.

Eram os famosos desdobramentos, semelhantes aos de Antônio de Pádua, que propiciavam aos necessitados a assistência do grande médium, nesses processos de bilocação,

Corina Novelino

freqüentíssimos na tarefa excepcional de Eurípedes.

Os alunos estavam tão familiarizados com essas "viagens", que já reconheciam as características com que se apresentavam. Assim, quando viam o professor de mãos à testa, olhos fechados, durante as aulas, diziam:

" — Seu Eurípedes já se foi embora."

Não-raro, nessas ocasiões, os alunos conservavam-se em respeitoso silêncio, o que, evidentemente, muito contribuía para o êxito do trabalho do Mestre.

Dali a alguns minutos, regressava Eurípedes de sua excursão espiritual, relatando episódios, que se prendiam à assistência a enfermos. Muitas vezes, encontrava-se com portadores apressados que se dirigiam à cidade, à busca de auxílio para algum doente em estado desesperador. Ali mesmo recebiam orientações. Muitos foram os casos em que Eurípedes afirmara ao homem da estrada:

" — Volte, irmão. O enfermo acaba de desencarnar."

Mais tarde, verificava a veracidade da informação.

Fatos dessa natureza ficaram demonstrados à sociedade, naqueles anos de trabalho incansável, ininterrupto, de assistência aos enfermos.

O estilhaço do fogueteiro de Delfinópolis

Na antiga vila de Espírito Santo da Forquilha - hoje Delfinópolis, residiam alguns espíritas, que formavam o núcleo pioneiro do movimento kardecista naquelas paragens sul-mineiras, ao tempo de Eurípedes.

Dentre essas criaturas de boa-vontade, animadas do fogo sagrado do idealismo realizador, incluía-se o moço José Gonçalves Novelino, que, ao lado da esposa e dos companheiros, desempenhava tarefa de valor, não apenas no setor doutrinário, mas na esfera de assistência aos enfermos.

Não havia médico naquele canto esquecido de Minas. Nem sequer com uma farmácia contavam os ignorados habitantes de Forquilha, o que não era de todo desagradável para a maioria, constituída de fugitivos da justiça.

Naquela época em que os transportes eram feitos em carros-de-boi e o único meio de condução era a alimária, bem se pode avaliar a falta de recursos existentes numa povoação situada a 30 léguas da cidade mais próxima (Santa Rita de Cássia) e localizada

Corina Novelino

entre a barreira de pedra da Serra das Sete Voltas e o obstáculo das águas do Rio Grande.

Assim é ainda Delfinópolis, embora o progresso do automóvel e do avião já a tenha visitado.

Como se vê, os habitantes de Forquilha eram candidatos à morte sem recursos.

Mas, reuniram-se os espíritos do lugar e organizaram uma farmácia homeopática, que se constituía, desde o início na providência de ricos e pobres.

Ficara a farmácia na casa de José, sob a sua direção. A esposa Josefina de Melo era médium receitista.

Muitas vezes José, que era dentista, se vira na contingência de realizar pequenas intervenções cirúrgicas, valendo-se do material do gabinete dentário.

Um dia, fora ele chamado a atender o fabricante de foguetes do local. Era um homem de cor, já maduro, muitíssimo estimado por suas qualidades morais, que o aproximavam de todos, com a espontaneidade que somente as vibrações fraternas realizam.

Na tarde anterior, recebera ele um ferimento no olho direito, ao experimentar um dos produtos de sua rudimentar fábrica, motivado por um estilhaço que lhe atingira o globo ocular.

De início, José constataria a delicadeza do caso. A córnea fora atingida profundamente, apresentando-se inflamada.

O enfermo, acamado e com febre alta, suplica ao amigo que retire com a sua pinça de dentista aquele corpo estranho do olho.

O problema era positivamente dos mais dolorosos. A alternativa de uma viagem a Santa Rita devia ser afastada, sob pena de o ferido perder o olho. Que fazer em semelhante conjuntura? Além de tudo, o fogueteiro estava sentindo dores horríveis no olho atingido.

José ora. Era o único recurso para a gravidade do momento. Após falar ao enfermo, expressando-se como um náufrago, que encontra afinal uma tábua salvadora:

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

” — Meu irmão, em Sacramento mora um santo homem, que vive para os sofredores. Chama-se Eurípedes. Você vai rogar a Jesus durante a noite, para que Eurípedes venha ajudar-nos amanhã cedo. Voltarei às 8 horas. Combinado?”

José conhecia bem a faculdade de bilocação de Eurípedes, através dos fatos que se avolumavam e cuja notícia havia transposto as barreiras naturais de Forquilha. Aliás, o próprio José estivera, em várias oportunidades, com Eurípedes, em Sacramento, de quem recebera incentivos para os trabalhos a que se entregara, juntamente com outros irmãos.

Pela manhã do dia imediato, à hora combinada, José vai à casa do enfermo, levando todo o material necessário. Surpresa, lágrimas e emoção foram os sinais maravilhosos da presença luminosa de alguém naquele tugúrio humilde, em face da alegria e da boa disposição do ferido.

” — Veja meu olho, José, já está bom! Veio aqui um moço, trazendo uma maleta, e fez o serviço.

— Como é esse moço? Como estava vestido?”

Foram as perguntas ansiosas, que saíram dos lábios trêmulos de José. Alguma coisa íntima lhe garantia que Eurípedes estivera ali.

” — É moreno claro. Seus olhos são muito suaves e bonitos, boa altura. Traja roupa preta, a camisa branca, muito branca e bem engomada.”

Em cima da mesa rústica, achava-se uma mecha de algodão sobre a qual o estilhaço.

” — Sim, sim. E ele não disse nada a você?

— Sim. Quando terminou a operação, ele me deu um recado para você...

— Para mim?! Vamos, criatura de Deus, fale depressa, então.

— Disse que é para você encontrar-se com ele, debaixo da árvore de óleo. Ele estará esperando...”

José saiu num impulsivo movimento, justificável, todavia.

Corina Novelino

A poucos passos dali, ergue-se majestosa árvore de óleo, onde se reúne, às tardes, a rapaziada do lugar para os folguedos da bola e da peteca.

Em poucos minutos José acha-se ao lado de Eurípedes. Sim, era ele, com seu doce sorriso e o olhar brando, espargindo uma catadupa de luzes interiores...

” — Bom dia, José! Você me chamou e aqui estou. Não se preocupe com o nosso enfermo. O caso era grave, realmente, mas nosso irmão já se acha fora de perigo. Dentro de pouco, estará fazendo novas artes com seus foguetes...”

É fácil imaginar-se a emoção que envolveu José. Totalmente tocado por vibrações generosas, não pode emitir uma só palavra. Apenas os olhos azuis, lembrando os ancestrais da Península Itálica, que falavam, e falavam expressivamente, através das lágrimas.

”—O trabalho de vocês aqui, neste fim de mundo, é valoroso. Vocês foram destacados pelo Alto para desempenhar a tarefa difícil de desbravadores de consciências amortecidas pela ignorância. Por isso terão sempre amparo divino.”

Essas palavras de Eurípedes fixaram-se de modo indelével na memória de José. Ele as repetia, com absoluta fidelidade, como um estudante que recita um trecho decorado, sempre, muitos anos mais tarde, se recordava desse fato.

” — Preciso ir, José. Meu tempo esgotou-se. Jesus nos abençoe. Até outro dia, querido irmão!”

Desaparecera sem que o estupefato José pudesse sequer abrir a boca para uma só palavra demonstrativa de emocionada gratidão.

A surpresa de Cristino: a mediunidade a serviço da escola

Os desdobramentos de Eurípedes, colocavam-no, também, face aos problemas educacionais. Quando, por exemplo, certo aluno, por ele chamado de "Senhor Cristino", faltava às aulas - o que, aliás, se dava com frequência - era seguro que Eurípedes se utilizasse de seu corpo espiritual para uma sindicância nos sítios preferidos do moleque.

Quando o "Senhor Cristino" regressava de suas incursões ao atraente reino da vadiagem, ouvia o relatório pormenorizado de suas atividades pouco edificadoras.

Era ele o aluno mais relapso de Eurípedes. Tipo acabado do moleque irresponsável, atirava-se sempre aos folguedos

Aluno de Eurípedes, Antenor Germano

Corina Novelino

e às travessuras a qualquer hora do dia, inclusive no horário consagrado ao estudo.

Evocando, hoje, a assistência incansável do Mestre, não compreende o Professor Antenor Germano o motivo pelo qual Eurípedes haja servido à coletividade sacramentana, instruindo a várias de suas gerações.

Eis aí a resposta àquela tácita interrogação do terrível moleque Cristino.

Voltando ao passado, vamos encontrar o garoto, fugindo à aula de Evangelho, numa quarta-feira, na companhia de outro colega. Alcançaram um campo próximo da cidade e ali brincaram à vontade até que, cansados, buscaram outra divagação para os espíritos inquietos, sedentos de novas traquinagens.

Um deles lembrou-se de que, ali no pasto, havia coelhos e porcas. A caça aos bichinhos foi logo encetada. Munidos de estilingues, correram o brejo, em demanda das vítimas indefesas.

Dali a meia hora, os olhos dos meninos caíram sobre respeitável mamãe porca, rodeada de bela prole, a poucos metros dali. Ótimo derivativo, pensaram. Por que ir atrás de coelhos escondidos e ariscos, quando ali mesmo, ao alcance das mãos, achavam-se suínos acessíveis, que se prestavam a boa brincadeira?

Entesaram as atiradeiras e dispararam um tiroteio de pedras sobre os pacíficos animais. Estes, assustados com o inesperado ataque, correram. Os meninos bateram atrás. Eis que aparece providencial cerca de arame farpado, por onde a porca, acompanhada dos bacorinhos, se livra dos pequenos assaltantes de sua tranqüilidade. O obstáculo, porém, não demove os moleques da insensata perseguição. Um deles, Nestor Novelino, achava-se mais avançado e, célere, abaixa-se para transpor a cerca. Eis que fica preso, agarrado pelos "dentes" do arame farpado, que lhe penetram o tecido da camisa, rasgando-a em

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

vários sentidos, devido ao o esforço realizado pelo menino para livrar-se.

Aborrecidos com o fato, ambos desistiram da brincadeira. Começaram a meditar sobre as conseqüências. Em casa, não poderiam fugir aos ralhos e castigos.

No Colégio, sabe Deus o que os aguardavam, pois Senhor Eurípedes sabia de tudo o que se passava fora. Para onde iriam

E agora?

Após alguns momentos de indecisão, optaram pela aula, *que já* deveria estar caminhando para o final.

Como dois réus, entraram no vasto salão do Colégio Allan Kardec. Como de costume, havia numerosas visitas. Dentre os assistentes, incluía-se um médico de Ribeirão Preto, não espírita.

Quando puseram os pés na soleira da porta, tiveram vontade de baterem-se em retirada. Mas uma força desconhecida os impelia para o recinto. Souberam, depois, que estavam sob o "controle" direto de Eurípedes.

O aluno que trazia a camisa em frangalhos tivera o cuidado de vestir o paletó e abotoá-lo, a fim de esconder sua "arte".

"— Senhor Cristino, estou surpreso... O senhor aprecia tanto as aulas de Evangelho e, hoje, só aparece no fim..."

O aluno coça a carapinha e tenta uma resposta à observação carinhosa do Mestre.

" — Perdemos a hora...

— Sim. Perderam a hora nos folguedos e na maldade. Estive com vocês no pasto do Senhor Carlos Rodrigues e vi os apuros que vocês proporcionaram àquela inofensiva porca. Aquela cerca - fiquem ambos sabendo - fez as minhas vezes. Castigou-os, devidamente, rasgando a camisa do "Senhor Nestor". Todos podem constatar: tire o paletó, "Senhor Nestor..."

O menino obedeceu com certa relutância e exibiu a roupa dilacerada na parte traseira...

"— Muito bem, senhores meus alunos, espero que

Corina Novelino

a experiência lhes sirva para o resto da existência. Lembrem-se de que a maldade não compensa e que a fuga aos deveres representa um roubo ao tempo e à oportunidade que o Pai nos concede generosamente.”

Cristino, de cabeça baixa, ruminando desconfortados pensamentos, maldiz a hora em que tivera a idéia infeliz de fugir à aula, ao mesmo tempo que protesta contra aquela sempiterna vigilância do mestre.

” — Também esse Senhor Eurípedes não deixa passar nada... sempre vai atrás da gente... não dá sossego...”

Depois da aula, os dois moleques são procurados pelo médico de Ribeirão Preto. Queria ele certificar-se dos pormenores daquela aventura. Mostrava-se impressionadíssimo, pois ali estivera desde o início das aulas e não vira Eurípedes sair. Como pudera ele dar notícias do ocorrido com tanta precisão?

— Ora, seu doutor, isso é chapa de todo dia. Ele tem o poder do bilocação. Está aqui, enquanto é visto em outros lugares. O pior é que não dá uma folguinha pra gente...

Já se adivinha que o moleque Cristino é o autor do depoimento. Falava com naturalidade, trazendo do rosto preto a máscara expressiva da irreverente contrariedade.

— Extraordinário! Extraordinário! Exclama o facultativo. Aquele fato fora a pedra de toque que determinara a conversão ao Espiritismo do médico paulista, algum tempo mais tarde.

Um serviço de correio diferente

Outras vezes, a faculdade de bilocação de Eurípedes proporcionava confortadores instantes de serenidade a corações aflitos.

Naquela época, residia em Sacramento a família Pinto Vaiada. O chefe - Cândido Pinto - efetuava freqüentes viagens, atendendo a negócios de gado.

Uma vez, rumara para o Espírito Santo da Forquilha. Longos dias foram decorridos sem que a família recebesse dele alguma notícia.

A esposa ficara, naturalmente, apreensiva. O mês esgota-se e, com ele, a tensão nervosa de D. Aninhas aumentava, a ponto de não resistir ao impulso de procurar Eurípedes e rogar-lhe socorro.

Naquele mesmo dia, Eurípedes conforta o coração aflito de D. Aninhas, afiançando-lhe que o marido estava bem de saúde e que providenciava o envio de um portador para Sacramento, objetivando a remessa de notícias. O portador era um moço negro.

Corina Novelino

A seguir, Eurípedes fizera circunstanciada descrição dos lugares por onde passara na velha Forquilha: o poético córrego da entrada, onde várias mulheres, a cantar, lavavam roupa. As serras, punham uma nota de pureza ao ambiente, com perspectiva azulada. As ruas esburacadas e as casas velhas, de lúgubre aspecto.

D. Aninhas ouve tudo com os olhos molhados e o coração transportado de alegria, mas ainda anseia por mais conforto e pergunta:

” — Quando chegará esse portador?

— Daqui a três dias, no máximo.”

Realmente, no prazo indicado por Eurípedes, chega o moço Gabriel, de parte de Sr. Cândido Pinto, trazendo boas notícias do viajante. O portador era um jovem negro.

A farmácia e o horário

Os trabalhos de Eurípedes, na esfera de assistência aos enfermos, caracterizavam-se por indefectível princípio de organização e disciplina.

Havia, no laboratório alopático, um horário estabelecido para tudo e um lugar determinado para cada objeto.

De manhã e à tarde, após as aulas do Colégio, consagravam-se duas horas para manipulação dos medicamentos.

Em primeiro lugar, atendiam-se os pedidos de fora. Enquanto isso, a multidão apinhava-se na rua e na loja comercial do progenitor de Eurípedes.

Na hora determinada, um auxiliar promovia a chamada para a entrega dos vidros.

Lá dentro, Eurípedes, sua secretária e seus auxiliares desdobravam-se numa lufa-lufa sem repouso. Às vezes, ele dizia à secretária, sorrindo:

”— Se pudéssemos multiplicar-nos para dar conta do recado...”

Corina Novelino

Mas, o certo é que, na hora estabelecida, a tarefa estava concluída, todos os dias, por maior que fosse o volume de pedidos.

A doença não espera

Um dia, pela volta de 14 horas e 5 minutos, apareceu um rapazinho na farmácia. Estava ofegante e conturbado. Viera buscar remédio para um familiar que se achava muito mal. Trêmulo e pálido, o portador disse a Eurípedes:

” — Vim buscar remédio para meu pai e pedir ao senhor para ir vê-lo hoje. Ele está muito mal...

— Vamos providenciar o remédio, meu filho, mas ir a sua casa não posso.”

Um auxiliar recolheu o vidro e o menino postou-se do lado de fora, junto da porta, à espera do medicamento.

No laboratório, àquela altura do dia, mais de duas centenas de receitas deviam ser aviadas, dentro do horário estipulado, sob rigorosa ordem de entrada.

O trabalho, como sempre, era intensivo. Eurípedes permaneceu toda a tarde no seu posto, na recepção do receituário do dia.

No momento em que tomara o vidro que o rapazinho trouxera, incluindo aflitivo pedido, recostara-se no espaldar alto de sua cadeira, de olhos fechados, por alguns minutos.

Corina Novelino

Naquele ínterim, foi visto, sobraçando sua valise, nas ruas que iam ter ao Bairro do Areião, onde residia o enfermo.

O fato de Eurípedes sair só e a pé àquelas horas do dia surpreendeu os moradores daquelas vias. Era do conhecimento de todos que, em virtude do acúmulo de serviço nos últimos tempos, Eurípedes usava uma condução puxada por cavalos ligeiros, para atender aos enfermos em estado grave. O objetivo era ganhar tempo.

Naquele dia, porém, numerosas famílias saíram às portas para ver Eurípedes, caminhando apressadamente. De passagem, dirigia ele uma saudação alegre e apressada ao povo, que o fitava embevecido. Muitos pais encarregaram os filhos de vigiar a volta de Eurípedes, pois desejavam que ele viesse ver seus familiares enfermos.

Na casa pobre do Areião, Eurípedes foi recebido com tocantes vibrações de alegria e reconhecimento. Sua presença tinha o condão de reanimar os enfermos e de reacender a chama da esperança no coração dos familiares.

Aproximando-se do enfermo, que se achava realmente em estado grave, transmite-lhe um passe magnético. A seguir, retira de sua valise um estojo e injeta o líquido de uma ampola no músculo do braço do doente.

Dali a minutos despede-se, sob as bênçãos daqueles que ficavam confortados. Escusado será afirmar que a passagem de Eurípedes, no regresso, não fora percebida por ninguém.

Quando soou a- hora, a entrega dos vidros foi realizada. O rapazinho apanhou o seu e atirou-se em desabalada corrida para casa.

A mãe e os irmãos admoestam-no energicamente: ” — Só agora é que você aparece com o remédio? Seu Eurípedes já esteve aqui, deu um passe e aplicou uma injeção no doente. Graças a Deus e a Seu Eurípedes, ele melhorou, enquanto você brincava na rua, como sempre.

O rapazinho defendeu-se altamente surpreendido:

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

— Não, não. Seu Eurípedes não saiu da farmácia. Eu estava na porta de saída, na única porta por onde ele poderia passar, Depois, aquela multidão não dava passagem nem para um mosquito. Não brinquei na rua. Juro que vim correndo logo que recebi o vidro!

As palavras do menino não encontravam receptividade de crédito no conceito dos familiares. Ele não se conforma e resolve tirar o caso a limpo, obter a prova de que Eurípedes ali estiver a.

Correu à farmácia, onde encontrou Eurípedes e seus abnegados colaboradores, ainda trabalhando.

” — Seu Eurípedes, o pessoal lá de casa está acreditando que o senhor esteve lá, que deu passe e injeção no papai, antes de eu levar o remédio...

— Pois estive mesmo, meu filho.

— Impossível! Eu estava à porta e não vi o senhor passar. Por onde o senhor passou?

— Pela porta, meu filho...

— Mas, como? Eu estava vendo o senhor aí na sua cadeira!

— O corpo estava aqui, mas o espírito foi atender ao seu querido doente, meu filho...”

Os auxiliares de Eurípedes riram a bom rir do encabulamento do rapazinho, que se foi embora a coçar a cabeça, num gesto característico de quem não entendera patavina do caldo...

Um aborto terapêutico

Edalides Millan de Rezende, irmã do medianeiro e sacramentano, estava vivendo uma gravidez difícil. Uma ocasião, diz ela, eu estava muito mal. Tratava-se de uma ameaça de aborto.

Ao meio-dia, em plena aula, Dr. Bezerra chamou a atenção de Eurípedes, dizendo que precisava dele na residência de Edalides para uma operação urgente. E informava tratar-se de um aborto, adiantando que a criança já havia morrido.

Eurípedes foi imediatamente à casa da irmã querida, acompanhado de alguns alunos, como era de seu hábito.

Realizada a intervenção, constatou-se que a criança estava pretinha, morta.

Esperidina, filhinha de Edalides ficou revoltada - não queria irmão preto...”

A preciência de Eurípedes

Edalides, irmã de Eurípedes, era casada com José Rezende. O marido achava-se, numa ocasião, muito ocupado com o balanço da casa comercial do Sr. Alfredo Afonso.

Nesta oportunidade, ela estava grávida. Era tarde da noite. Deitara com hemorragia, com prenúncios de aborto. Não havia outro recurso senão esperar, com Deus, até que José Rezende voltasse do trabalho.

De repente, entram Eurípedes e sua irmã Sinhazinha, sem serem chamados, trazendo todo o material receitado ao caso.

Ficaram com Edalides até que ela ficasse boa, livre completamente.

Mais tarde, Edalides transformou-se, sob a orientação de Eurípedes, num dos instrumentos mais puros na assistência a enfermos, especialmente a parturientes.

A cura da hemoptise

Por volta de 1913, encontrava-se Oscar Tolentino desenganado por diversos médicos paulistas. Ele era portador de insidiosa tuberculose, que se manifestava por freqüentes crises de hemoptises.

A família atendera, em última instância, a sugestão de um amigo, no sentido de se conduzir o enfermo a Sacramento à presença de Eurípedes Barsanulfo, cuja fama de taumaturgo atravessara o Brasil.

Sacramento, naquela época, regurgitava de forasteiros, em busca de recuperação física, e espiritual e o encontro com o médium parecia impraticável.

Procedentes de Chapadão, estação ferroviária da Mogiana, no Estado de São Paulo, Oscar chegara à cidade de Sacramento, muito cansado e febril. Ninguém na cidade o conhecia, sequer sabia que ele viria.

Ao descer do bondinho que fazia o trajeto do Cipó à estação local, eis que, da gare, destaca-se um moço sorridente, profundamente simpático, que vem ao encontro do viajante:

” — Vim buscá-lo, Sr. Oscar. A primeira providência para o

Corina Novelino

seu caso será um bom descanso...”

Oscar, imediatamente, ficou sabendo a identidade de pessoa tão generosa, pois vários grupos se reuniram a ele e seu nome, várias vezes pronunciado.

Era Eurípedes que, pessoalmente, viera atender ao enfermo.

As hemoptises não se repetiram desde o primeiro frasco de medicamento e o paciente, em poucos meses, retornava ao seio familiar, após segura recuperação sob os cuidados de Eurípedes.

Casou-se, mais tarde, tornando-se administrador da Fazenda Chapadão por várias décadas.

Desencarnou, recentemente, aos 82 anos, na cidade paulista de Santo André, após uma existência inteira de extraordinários testemunhos de seu reconhecimento ao Benfeitor inesquecível.

Sob a orientação de Eurípedes, tornara-se espírita e realizou o esclarecimento de numerosas criaturas, nos princípios da Doutrina dos Espíritos

Sua esposa, já desencarnada, Dona Marieta Ramos Leal, tornara-se a mais fiel servidora das tarefas, que o marido edificava, nos caminhos do Bem, sob a inspiração do Espiritismo, no curso de longa e luminosa experiência Terrena.

Mais uma cura de hemoptise

No ano de 1911, encontrava Antônia Ferreira, conhecida por Dona Tônica, enferma e em tratamento com dois médicos, sem, no entanto, conseguir melhoras, O marido, então, aconselhou-a que fizesse uma consulta com Senhor Eurípedes.

Respondeu-lhe que pedisse uma consulta por carta e adiantou que, se o diagnóstico viesse diferente do dos médicos, faria o tratamento. Para surpresa sua e dos seus, isso aconteceu.

Começou a tomar os remédios e logo obteve melhoras sensíveis.

Seu marido escreveu novamente ao Senhor Eurípedes, pedindo-lhe remédios. O médium respondeu-lhe que se curaria em seis meses. Mas, se viessem para Sacramento, Tônica ficaria melhor mais depressa.

Tudo se fez assim e, então, ela o conheceu pessoalmente.

Foi nessa ocasião que experimentou convivência mais próxima com Eurípedes Barsanulfo.

A maior impressão que o apóstolo de Sacramento lhe causou

Corina Novelino

foi o desprendimento, a forte personalidade e a abnegação com que tratava as pessoas. Ficou também impressionada com os fluídos que o humilde Apóstolo do Bem irradiava. Ao lado dele, sentia-se tão pequena... exatamente da mesma forma como acontecia a todas as pessoas que o cercavam.

O caso de benigno

Antônia Ferreira, Dona Tônica, era casada com Benigno Ferreira. Após a cura, conhecera Dona Meca, a mãe de Eurípedes. Uma mulher verdadeiramente maravilhosa. Logo que a viu, uma amizade que parecia provir de existências passadas, aconteceu. A estima era recíproca e Dona Meca sempre lhe dizia que, em encarnações passadas, ela havia sido sua filha.

Em 1915, Benigno Ferreira, o marido, apanhou forte pneumonia. Já desenganado por dois médicos, resolveu telegrafar para Eurípedes, chamando-o .

Foi atendido imediatamente e, quando deparou com o estado desesperador do doente, ficou meio triste.

Imediatamente, deu-lhe um passe e o Guia Espiritual, Dr. Bezerra de Menezes, prescreveu um medicamento, que, logo, começou a fazer efeito.

No dia seguinte, Benigno estava melhor, reconhecendo as pessoas, o que não acontecia antes.

Eurípedes, tendo voltado a Sacramento, de lá escreveu-lhe dando alta ao doente dizendo:

” — A melhora de seu marido foi devido a sua fé.”

Corina Novelino

Oito dias depois, Benigno recomeçou seus serviços, com espanto de muita gente.

Dona Tônica, ao contato com Eurípedes, ingressa no campo doutrinário do Espiritismo e a lembrança do apóstolo serviu-lhe sempre de grande estímulo para as lutas, que haveria de enfrentar diante da vida.

O mal de Pott

José Bárbara Neto era vendedor de quitandas, nas ruas poeirentas de Sacramento. Percorria todas as pensões, motéis e casas particulares.

Um dia, achava-se à porta da Pensão de Bebem, quando viu chegar um homem doente, quase cadavérico - tal sua magreza. Vinha carregado por outro homem. Fiquei apavorado com o estado do doente. Tratava-se do senhor Azarias Arantes, da cidade paulista de Igarapava. De família bem posicionada economicamente, pois era Coletor do Estado, cargo importante na época, Azarias foi acometido pelo mal de Pott, doença que consiste em uma osteíte tuberculosa das vértebras, caracterizando-se por dores na espinha, deformidade da coluna vertebral, provocando quase sempre corcunda. Além da rigidez da espinha, abrem-se em abscessos e uma debilidade progressiva com diarreia, que pode levar à morte.

Três meses depois, o menino José Bárbara vê Azarias, gordo, corado, sorridente, freqüentando as sessões espíritas, dirigidas por Eurípedes.

Água fluidificada e alguns remédios homeopáticos fizeram

Corina Novelino

a cura e soube que Azarias Arantes, de regresso a Igarapava, fundara o Centro Espírita Luz, Caridade e Amor.

O amor de Azarias Arantes por Eurípedes era tão grande que fez questão de servir de testemunha de defesa no processo movido contra o medianeiro da luz.

Um caso de clarividência

Quando Eurípedes tornou-se espírita, o senhor João Duarte Vilela já era casado, há vários anos, com Dona Maria Guilhermina Duarte - Dona Cota -, como era conhecida no seu grande círculo de amizades. Residiam, então, na fazenda Bela Vista, no município de Sacramento, distante três léguas da cidade.

Souberam das curas, que Eurípedes realizava e Dona Cota ficara muito feliz com tal notícia.

Logo vieram a Sacramento, em visita a Eurípedes e, de início, tomaram conhecimento dos trabalhos espirituais.

Dona Cota passou a freqüentar, com assiduidade, as sessões dirigidas por Eurípedes. Semanalmente, vinha, a cavalo, e apreciava muito as atividades espíritas do médium.

Também o Senhor João vinha, mas, de vez em quando, pois ficava tomando conta da fazenda. Mesmo assim, desenvolveu suas faculdades de médium passista. Presenciou vários casos e narra um que aconteceu com Miguel Inácio, seu primo, que

Corina Novelino

estava passando uns dias na fazenda, juntamente com o filho.

Certa tarde, este sentiu-se mal, com cólica, e Dona Cota fora à horta apanhar umas ervas para um chá.

A conselho do Senhor João, o primo viera à cidade buscar remédio com Eurípedes, pela manhã.

Ao chegar, antes de dizer ao que vinha, Eurípedes entregou-lhe dois vidros e recomendou-lhe:

” — Este é para a comadre Cota, que está passando mal. Ela está pior que o menino.”

Miguel retruca espantado:

”—O senhor está enganado. Deixei a Cota muito bem de saúde...”

Eurípedes reafirma com energia:

” — Ela está pior que o menino. Vá depressa meu amigo.” Realmente, horas depois, Miguel encontra Dona Cota muito mal, de cama.

Havia apanhado um forte resfriado, estava febril, com ameaça de pneumonia.

O tratamento adequado restituíra-lhe a saúde em poucos dias. Miguel Inácio, impressionado, tornou-se espírita.

Um desdobramento providencial

João Duarte Vilela viera, com o sobrinho Antenor Duarte Vilela - então menino de 9 a 10 anos - à cidade, para fazer um parto em uma senhora vizinha. Era a mulher do Senhor Manuel Januário, ambos moradores da fazenda da Cameleira, município de Sacramento.

Alguns quilômetros antes de chegarem a Cameleira, aconteceu um imprevisto. Antenor galopava, na frente, uns duzentos metros e o cavalo derrubou o menino, ficando este com as pernas debaixo do animal.

O Senhor João correu a ver, puxou a rédea e tirou o Antenor de sob o animal. Não houve fraturas e nem o mais leve ferimento.

Por alguns minutos, o Senhor João ficara ao lado do sobrinho e nisto Eurípedes aproximou-se, indagando:

” — Daqui a Cameleira fica mais perto ou mais longe do que Sacramento?

— Mais perto - respondeu Senhor João.

— Então vamos lá, só para uma visita. Não há mais

Corina Novelino

necessidade de nossa presença em casa do Senhor Manuel Januário. Já fiz o parto com a ajuda do Dr. Bezerra de Menezes.

Efetivamente, lá chegando, constatou-se a exatidão daquelas palavras.

Mulher e criança passavam bem.

Enquanto o Senhor João atendia Antenor, Eurípedes desdobrava-se para mais um sublime serviço.

Erva Mular preventivo de gripe

Durante a gripe espanhola, narra João Duarte Vilela, que sua irmã Almerinda, casada com Waltercides, irmão de Eurípedes, adoeceu devido à gripe. Por esse motivo, ele não vinha à cidade, temeroso do contágio.

Um dia, seu empregado, José Rufino, vindo à cidade, trouxe-lhe um recado da parte de Eurípedes:

”— Venha, compadre João. É tempo bom de apanhar a gripe.”

O Senhor João veio da fazenda ao encontro de Eurípedes, que lhe aconselhou:

” — Dê chá de erva-mular para todos da fazenda e ninguém terá gripe.

— Que é erva-mular? - indagou João.

— O Senhor vá à erva-mular e a árvore mais alta que encontrar, com folhas muito largas, é a dita. Não se esqueça, dê para todos. O senhor vai ter a gripe porque já está contaminado. Mas, os outros não.”

Corina Novelino

Senhor João voltou, foi à internada e, de acordo com as instruções, achou a árvore indicada. Trouxe algumas folhas para Eurípedes examinar.

”— São estas mesmo. Erva-mular é uma planta muito boa para prevenir esta gripe terrível, volte e dê o chá para o pessoal.”

João Duarte seguiu a risca a recomendação e ninguém, na fazenda, teve gripe. Somente ele fora acometido de uma febre branda e desarranjo intestinal, logo aliviados. Saíram-lhe três espinhas no rosto e só.

Tratava-se da gripe espanhola e que, segundo o testemunho do João Duarte Vilela, deixava a pele cheia de carocinhos.

Eurípedes vê a roseira

João Duarte Vilela, no ano de 1916, vem visitar o amigo João Vieira, em Sacramento e, como sempre, encontrou Eurípedes.

Após os cumprimentos fraternos habituais, Eurípedes informou:

”— Compadre, esta noite estive em sua casa. Vi uma roseira muito bonita, carregada de flores, à porta da entrada. Na cozinha, o Senhor e Comadre Cota conversavam com uma mulher perturbada.”

É verdade, aquela mulher apareceu na fazenda, à noite e não sabemos de onde veio. Ela falava muito e não se entendia o seu falatório. Tentamos acalmá-la com passes. Arrumamos cama para ela, e, quando melhorasse iria embora. Todos fomos repousar.

Hoje, de manhãzinha, nem rastro da mulher. Saíra muito cedo, sem ser percebida.

O relato é verdadeiro. A roseira estava muito bonita e atraía

Corina Novelino

a atenção de todos.

Enquanto a família Duarte Vilela viveu na fazenda Bela Vista, aquela roseira fora carinhosamente conservada, como símbolo evocativo da visita espiritual de Eurípedes num de seus extraordinários desdobramentos.

Uma visão diferente

Por volta de 1915, a senhorita Ana Augusta Sandoval, hoje viúva Gastão Marcondes, esteve em Sacramento durante dois meses, submetendo-se a rigoroso tratamento reconstituente, com Eurípedes.

Membro de importante família paulista, Ana era católica praticante, como, aliás, o eram os seus familiares. Contudo, a fama das prodigiosas curas realizadas por Eurípedes, justificava a confiança com que a família entregara a jovem aos cuidados do moço.

Presenciando fatos importantíssimos, a moça mantinha-se, todavia, em posição de ceticismo.

Após o tratamento sob a orientação fraterna e devotada de Eurípedes, a jovem havia recuperado as energias combalidas.

Assim, veio o dia em que fora conduzida à estação do Cipó por Eurípedes e sua secretária.

Em Uberaba, esperavam-na duas amigas, que a levariam para uma fazenda próxima, de propriedade do pai daquelas moças.

Ao despedir-se, Ana pedira a Eurípedes que, de vez

Corina Novelino

em quando, a visitasse, em espírito, como o fazia com outras pessoas.

” — Em parte - confessou ela mais tarde - o que queria era inteirar-se do que havia de verdade naqueles fatos...”

Quando já se encontrava na fazenda, Ana escreve à secretária de Eurípedes, solicitando-lhe receitas para duas de suas amigas, aquelas mesmas companheiras que a foram encontrar em Uberaba.

No período da manhã, Eurípedes e seus colaboradores estavam entregues ao serviço de todos os dias. Ele, recebendo o receituário transmitido por Bezerra de Menezes, Dona Amália, preenchendo rótulos e respondendo as cartas, ali chegadas, em impressionante número, de várias partes do Brasil, enquanto o Apóstolo do Bem e Sinhazinha trabalhavam nas cápsulas.

No momento em que a secretária apresentara a carta de Ana a Eurípedes, este se desdobra e relata o que vê na fazenda, onde a moça se hospedara.

Encontrava-se a mesa posta com muito gosto e finura, com os serviços de louça de superior qualidade.

Sobre a mesa, achavam-se três chapéus e, pegando-os, as moças, em traje de montaria, saíram por uma porta lateral, o que surpreendera o médium.

” — Por que não utilizaram a porta da frente?”

Dali passaram a um alpendre, de onde atingiram um jardim, perto do qual se achavam três cavalos devidamente arreados.

As moças tomaram os animais e dispararam para o campo, que se abria muito claro e amplo, pouco adiante.

A observação de Eurípedes não escaparam os pormenores do vestuário das moças. Ana trazia uma saia muito ampla, de casimira, própria para equitação e uma blusa cor-de-rosa de tonalidade muito suave.

Dona Amália escreve à amiga, relatando-lhe o fato, com todos os pormenores.

Pela volta do correio, Ana anuncia à secretária de Eurípedes que a narrativa correspondia inteiramente, em todos os

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

pormenores, à realidade dos acontecimentos daquela manhã, incluindo-se o detalhe da porta lateral, existente ali e usada pelas moças. Também a descrição dos trajes, tudo certo, tudo, impressionantemente, certo.

O fato deixou marcas profundas na sensibilidade das moças, contribuindo para juntar pedrinhas valiosas ao edifício da fé em certos problemas do espírito, embora não se filiassem ao Espiritismo.

Nota: Os dados deste registro foram fornecidos pela senhora Amália Ferreira de Melo, secretária de Eurípedes, que testemunhou os fatos aqui registrados. Posteriormente, entramos em contato com a senhora Ana Augusta Sandoval Marcondes, residente na R. Cardoso de Almeida, 621, apto 62 - São Paulo-SP, que confirmou integralmente o conteúdo deste depoimento, conforme declaração firmada.

Serviço em desdobramento

Dona Amália Ferreira de Melo presenciara inumeráveis casos, na admirável vivência com as faculdades mediúnicas de Eurípedes. Ficaram carinhosamente registrados e guardados indelevelmente em seu espírito. Como a fonte cristalina conserva a água pura, dessedentando o caminhante, também tia Amália oferecia a todos que a procuravam o tesouro de suas lembranças edificadoras.

Damos, a seguir, um fato narrado por ela, em 1954, no Lar de Eurípedes, testemunhando uma ocorrência na sua própria família.

Conta-nos ela que, na segunda quinzena de agosto de 1918, achava-se muito preocupada com o estado de saúde de sua cunhada Mariinha, que se encontrava, em vésperas de dar à luz o primeiro filho. Em meio a estas preocupações, chega uma carta da cunhada.

Residiam os familiares, sem recursos, na época, de tia Amália, em Tupaciguara, pequena cidadezinha mineira.

Corina Novelino

Em razão dessa carta, Eurípedes ordenara à secretária que escrevesse ao Senhor Adelino, confortando-o com a informação de que ele, Eurípedes, faria o parto e que tudo correria bem.

A falta de notícias outras preocupava-a, todavia, profundamente, porque não podia deixar a colaboração na farmácia, dado o extraordinário volume de pedidos dos últimos tempos, que afluíam de vários pontos do país. A tarefa atingira proporções nunca vistas. Verdadeira avalanche de pessoas necessitadas de socorro convergia à Sacramento.

Voltemos à cidade mineira.

Tupaciguara não contava ainda com os recursos do telégrafo e do telefone.

A 27 de agosto de 1918, pela manhã, Eurípedes disse à tia Amália:

” — Escreva ao sr. Adelino cumprimentando-o pela chegada do primogênito, com meus votos de saúde e alegrias à jovem mãezinha e ao recém-nascido, sob as bênçãos de Jesus.

— E, agora, continua Eurípedes, para seu governo, senhora secretária, esta informação: tudo correu bem. A mãe está bem disposta e o filho varão é um primor de robustez.”

No mesmo dia, a carta era lançada na mala postal, enquanto, horas depois, um mensageiro do departamento de Correios e Telégrafos entregava a Eurípedes um telegrama, originário de Uberlândia, para onde fora transmitido, de Tupaciguara, por via telefônica.

A mencionada mensagem trazia a comunicação do nascimento de um menino, acentuando a boa disposição orgânica da parturiente e do filho.

(*) O Sr. Adelino Ferreira reside, atualmente, em São Paulo, bem como seu filho mais velho, o industrial Isoldino Alves Ferreira, ambos com escritório comercial na R. Barão de Itapetinga 255 -9o andar - conjuntos 913/14.

A missão continua

A Senhora Terezinha Veiga e Silva, residente em Uberlândia - MG, na Rua João Pinheiro, 1031, trouxe-nos excelente contribuição para esta obra, em sua recente visita ao Lar de Eurípedes, em Sacramento.

Informou-nos Dona Terezinha, que, há vários anos, realiza o Culto Evangélico, em seu lar, acrescentando que, na década de 1962 a 1972 freqüentava, esporadicamente, essas reuniões a Senhora Maria de Lourdes, possuidora de belas qualidades mediúnicas.

Em 1971, estando presente Dona Maria, Eurípedes falou-lhe, através de sua faculdade psicofônica, que voltaria para oferecer-lhe uma receita, por escrito, para o reumatismo velho, que tanto a incomodava.

Dona Terezinha perguntou se seria por intermédio dela, pois sabia que Dona Maria não era alfabetizada e portava avançada deficiência visual.

Ao que Eurípedes respondeu, para surpresa da interlocutora:

— Será por intermédio de Dona Maria.

A médium faltou a algumas reuniões e, quando apareceu, Dona Terezinha providenciou papel com pauta e lápis. Naquele

Corina Novelino

dia, uma visita muito estimada da família achava-se presente: o Senhor Waldemar Vieira, de Uberaba - espírita militante, logo convidado para participar do Culto do Evangelho, o que ele aceita com prazer.

Tem início o Culto com a leitura de um trecho do Evangelho, segundo o Espiritismo, de Allan Kardec, seguido da prece inicial.

Pela faculdade de Dona Maria, Eurípedes apresentou-se, rogando forte concentração. Todos compreenderam que haveria um trabalho de elevado teor.

” — Minha querida filha, irmã do coração, aqui estou para trazer a receita prometida. Traga papel sem pauta e tinta verde.”

Dona Terezinha, sentido a dificuldade do momento, rogou:

— Não podemos deixar para outro dia? Não temos tinta verde em casa e vai atrasar os trabalhos...”

Desnecessário acrescentar-se a emoção, que se apossou de todos os corações vigilantes, ali recolhidos fervorosamente, no silêncio da prece.

Minutos depois, a médium recebia um papel. Os presentes constataram o ruído característico e o correr da pena.

Logo após, Dona Terezinha recebia o papel na mão e, ao mesmo tempo, ouvia claramente a prescrição :

— Tome três comprimidos ao dia.

Terminado o Culto, todos choravam constatando no papel liso um único nome: MUTASOLIDINA.

Dona Terezinha leva à farmácia próxima e indaga ao farmacêutico se existia o medicamento indicado e ele, que vinha com alguns vidros nas mãos, afirma sorridente:

— Aqui está, minha senhora. Em comprimidos...

Às primeiras doses, Dona Terezinha melhorou espantosamente. O inchaço e as dores reumáticas desapareceram completamente, ficando completamente curada.

Dona Terezinha afirma ter indicado, posteriormente, o medicamento a várias pessoas, que se achavam em estado idêntico ao dela, com resultados muito eficazes.

A cura da menopausa

Dona Terezinha relata-nos outra cura que obtivera, através da médium Dona Maria: Achava-se muito mal com ondas de calor - nessas crises naturais da fase da menopausa.

Numa das reuniões do culto do Evangelho, Eurípedes falou-lhe com o carinho de sempre:

” — Vou dar-lhe um remédio e você vai ficar boa. E acrescentou: Tome todos os dias, um chá de cozimento de folha de amoreira. Eu colocarei o remédio necessário. O chá ficará verdinho. Coloque-o num recipiente de louça e cubra-o com um paninho branco.”

Às três primeiras doses do cozimento, já haviam desaparecido as ondas de calor.

Eis, em síntese, o depoimento da Senhora Terezinha da Veiga e Silva, que nos patenteia, entre milhares de provas, a continuidade da esplendorosa missão de Eurípedes, na Vida Maior.

A fala de Zenom, um discípulo

Nos registros do Senhor Zenon Borges, aluno de Eurípedes Barsanulfo e um dos mais distintos cooperadores do Colégio Allan Kardec, como professor, residente em São Paulo, no Largo do Arouche nº 418 , 15º andar apto 151, extraímos o seguinte fato:

”Lá pelos idos de 1915, achava-se minha mãe Elvirci Borges - hoje desencarnada - com dois tumores no ventre. Eram bem visíveis externamente, através de enormes caroços.

Eurípedes curou-a apenas com aplicação de passes, em espaço de tempo relativamente reduzido.

Nessa época, morávamos em Sacramento, em uma casa vizinha do atual Colégio Allan Kardec, na Rua Comendador Machado.

Eu já colaborava com o Mestre nos serviços de assistência e o acompanhava nas freqüentes visitas a enfermos. Testemunhei numerosas curas e centenas de casos importantes, quando as faculdades mediúnicas de Eurípedes esplendiam de

Corina Novelino

forma soberba.

Em nossa família, houve outros fatos dignos de menção, na cura de alguns familiares.”

Um caso de asma

Este caso foi relatado por José Fernandes de Matos - natural i do município de Sacramento, no sítio dos Palhares distante 12 km da cidade. Atualmente reside na cidade, na Rua Vigário Paixão, 402, viúvo.

A notícia das curas que Eurípedes realizava, chegara ao sítio dos Palhares. O Senhor José Fernandes veio à cidade buscar remédio para sua mãe, enferma há muito tempo. Seu nome: Maria das Dores do Espírito Santo. Sofria de asma e outras complicações.

Já era espírita e freqüentava o Grupo dirigido por Eurípedes. No Grupo, no tempo de Eurípedes, este dirigia os trabalhos. Primeiro fazia-se a corrente, dando-se as mãos no salão. O passe era coletivo.

Quando era necessário, Eurípedes dava passes individuais. As reuniões acorriam enfermos e obsediados, que eram tratados com o máximo carinho.

Eurípedes ocupava a mesa sob o tablado. Médiuns passistas da maior confiança faziam parte da mesa. Voltemos ao caso.

Maria estava muito mal com uma de suas crises asmáticas. O

Corina Novelino

filho extremoso, Senhor José, veio buscar socorro em Eurípedes. Este ouve o pedido e responde:

” — Estive com sua mãe. Passei perto de uma rede no serrado. Arranje uma condução e traga sua mãe porque o estado dela é gravíssimo.”

Saíram os dois — Eurípedes e Senhor José — e tomaram o bondinho. Trouxeram a enferma de bonde, a única condução existente na época.

A viagem, embora pequena, foi cheia de preocupação para ambos. A doente estava muito mal. Ao chegar, a esposa do chefe da estação, perguntou a Eurípedes:

” — O Senhor quer um copo d’água, para a doente?”

” — Não, senhora. Agora só pedimos o socorro de Deus.”

A enferma foi conduzida, carinhosamente, por Eurípedes à casa de seus pais e a acomodou na sua própria cama. Proporcionou passes à enferma e deu-lhe remédio. Após algumas horas, apresentaram-se melhoras sensíveis e a enferma foi levada para a sua casa da cidade, onde continuou, por dois dias, em tratamento, rumando, depois, para o sítio, já recuperada da crise, que quase a vitimara.

Dona Maria viveu ainda seus 40 anos no seio da família numerosa, constituída de oito filhos.

Um aviso doutro mundo

Fato relatado pelo Dr. Eduardo Dietrich Ribí, residente em Rio Claro, SP. No ano de 1911, numa noite chuvosa, o Dr. Ribí foi ter com Eurípedes, com quem dialogou em francês, nos momentos raros de folga do grande médium.

Eram 22 horas mais ou menos.

O Dr. Ribí matava saudades de seu berço distante, conversando com Eurípedes.

Naquele momento, entrou uma menina, de onze anos, aproximadamente. Vinha ofegante e aflita.

Eurípedes adianta-se:

” — Você vem buscar remédio para a sua mãe...” — Sim, senhor. Ela está muito mal.”

Imediatamente, Eurípedes coloca-se em recolhimento a fim de receber a orientação necessária ao caso.

Em seguida, manipulou o medicamento prescrito por Bezerra de Menezes. Aquela hora, os auxiliares da farmácia já

Corina Novelino

não se encontravam presentes, em serviço.

No momento em que entregava o vidro à menina, ouviu-se um rumor semelhante a um trovão, que chegava de muito longe. Um frasco balançou na prateleira e foi de encontro ao vidro da estante.

Eurípedes parou. Concentrou-se por alguns instantes e foi ver o vidro. Atirou fora o conteúdo do que trazia a mão e preparou nova fórmula.

Eurípedes explica ao amigo que suas colaboradoras haviam trocado um dos vidros, exatamente aquele de que se servira. Fora um engano, corrigido a tempo pela bondade incansável dos Guias Espirituais.

Os homens podem enganar-se/porém Deus não se engana - acentua Eurípedes com simplicidade, explicando o incidente.

Um pouco de informações do doutor Eduardo

Quem é Eduardo? ”Minha avó Emerenciana Pereira de Almeida residia em Santa Maria, ao tempo de Eurípedes. Ela guardou com muita lucidez, importantes fatos, que coroaram a missão de Eurípedes. Relacionava, com freqüência, a afirmativa dele acerca de sua penúltima encarnação na Terra, dizendo-se médico, na Alemanha. Ele conservava vividas lembranças, guardando até o nome da cidade e da rua, onde residia. Por outro lado, o Dr. Eduardo Dietrich Ribi, nascido em Grenoble, França, formado pela Escola Politécnica de Paris, residente em Rio Claro, SP, declara que conheceu Eurípedes, em Sacramento, onde permaneceu 4 anos, a serviço da Municipalidade.

Uma profissão de Fé graças à dor

Relatos de José Resende

Em colaboração à obra que se pretende editar sobre a vida de Eurípedes Barsanulfo, antes de citar alguns fatos ocorridos em sua vida apostolar de médium, resolvi explicar por que hoje sou espírita.

Dá-se que, na minha infância, aos meus onze anos de idade, fui levado por meu pai, para estudar no Ginásio Diocesano de Uberaba, hoje Colégio Diocesano. Os professores do Ginásio eram Irmãos Maristas: uma congregação católica fundada na França pelo Venerável Padre Champagnat.

Devo lembrar que o meu curso primário foi feito em Nova Ponte, onde até hoje reside o meu pai, tendo recebido também uma esmerada educação católica.

Terminando o curso ginásial, fui para Belo Horizonte, em 1938, para prosseguir os meus estudos na Faculdade de Medicina daquela capital.

Corina Novelino

Em Belo Horizonte, ingressei na congregação Mariana da Igreja de Lourdes, onde, ao lado de companheiros e colegas de Uberaba, que para lá também foram prosseguir os estudos em escolas Superiores, continuei fervorosamente minha vida de católico praticante.

Mas, meu pai, que se chama Manoel Pereira de Resende, que está atualmente com 82 anos de idade, muito lúcido e tranqüilo, e que continua ainda residindo em Nova Ponte, tornou-se espírita fervoroso desde que conheceu Eurípedes Barsanulfo, principalmente em razão dos fatos que vou narrar.

Assim, em 1939, meu pai realizava reuniões espíritas em nossa própria casa, em Nova Ponte. Evidentemente, era lógico o desentendimento que começou a surgir entre mim e meu pai, em matéria religiosa. Na realidade, ele queria me forçar a assistir às sessões espíritas e a ler as obras Allan Kardec. Sempre, em nossas calorosas discussões, citava os fatos miraculosos da vida de Eurípedes Barsanulfo, focalizando também, em traços cintilantes, a personalidade de escol desse luminar apóstolo de Jesus, considerando a sua vida de pureza inatacável, seja no socorro de criaturas infelizes, quanto no magistério, lecionando, gratuitamente, às crianças pobres, em seu colégio, em Sacramento.

Claro que as nossas discussões eram estéreis e cada um de nós permanecia onde estava. Acontece que, em 1940, depois de ter sido aprovado no exame vestibular para a faculdade de Medicina, na Universidade de Minas Gerais (UMG), eu cursava o 1º ano médico e, em maio desse ano, adoeci, vítima de pneumonia. O caso evolui para um Empiema Meta-Pneumônico (Pleuriz Purulento).

Foi preciso que eu me submetesse a uma intervenção cirúrgica: uma costotomia, para a drenagem do abscesso pleural.

Não tendo obtido cura, no fim do ano de 1940, tive que sofrer nova intervenção cirúrgica, em Belo Horizonte, pois o caso complicou-se, instalando-se um Osteomielite na própria

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

costela onde fora realizada a ressecção óssea. Constitui-se o que se chama na Medicina, uma fistula Osteo-Pleural. A doença prosseguiu ininterrupta, pois não havia antibiótico e nenhum outro medicamento anti-microbiano para que a moléstia pudesse ser retida em sua nefasta evolução. Assim, não estando são, em março de 1941, fui internado no Hospital Santa Terezinha, de Uberaba, hoje Hospital São José, para continuar o tratamento. De março a agosto de 1941, naquele hospital, sob cuidados do cirurgião Dr. Dídimo Napoleão, fui operado mais três vezes, sem resultado algum. Em agosto de 1941, o ilustre cirurgião revelou-se bastante desesperançado com relação ao meu caso, e mais. A essa época, portanto, eu já havia sofrido um total de cinco intervenções cirúrgicas e o médico, Dr. Dídimo, prescreveu-me uma sexta intervenção. Desta vez, constectomia, de quase todas as costelas do Memitorax esquerdo. Do contrário, afirma ele, aquela Osteomielite rebelde poderia terminar atingindo a minha coluna vertebral, contaminando as meninges e eu terminaria vítima de meningite fatal. Mas a misericórdia divina tem sempre o momento para nos amparar. Ao chegar à pensão, onde estava hospedado, em Uberaba, a proprietária da mesma, uma senhora espírita - Dona Genoveva Fonseca -, e que hoje já está na pátria espiritual, aconselhou-me a procurar o Espiritismo. Na verdade, eu já não tinha condições físicas para suportar uma sexta operação. Procurei, então, um médium, em Uberaba, que se chamava Adelino de Carvalho, solicitando-lhe uma receita espiritual. Ela veio assinada por Bezerra de Menezes. Esse médico espiritual me proibiu a cirurgia programada e qualquer outro tipo de intervenção cirúrgica. Na mesma receita, ainda relatou uma outra doença que eu sofria: uma alergia profunda que, às vezes, não me deixava dormir. Receitou-me alguns medicamentos, passes e água fluida, e mandou que eu voltasse para casa de meu pai, em Nova Ponte. Depois de vinte dias mais ou menos, após o uso da receita do Dr. Bezerra de Menezes, já estando em Nova Ponte, a Osteomielite da costela sarou completamente. Daí por

Corina Novelino

diante, tratei de ler as obras espíritas de Allan Kardec, tornei-me espírita, prossegui os meus estudos de Medicina, formei-me em 1948 pela faculdade de Medicina de Belo Horizonte e, graças a Deus, já completei 25 anos de luta profissional intensa, procurando sempre exercer a minha profissão à luz dessa maravilhosa doutrina, — a Terceira Revelação: O Espiritismo.

Alguns relatos **do** médico doutor **Rezende**

Prosseguindo na colaboração muito modesta desta obra que se está editando sobre casos de Eurípedes Barsanulfo, cumpre-me, honestamente, o dever de narrar alguns fatos que me foram revelados por meu pai, Manoel Pereira de Resende, há vários anos.

O primeiro fato que despertou a atenção de meu pai, no sentido de se aproximar de Eurípedes Barsanulfo, foi o seguinte:

A esposa de um dos irmãos carnais de meu pai, por nome Aleixo Pereira de Resende, que tinha o apelido de Dona Fitinha, ambos falecidos, adoeceu gravemente e se submeteu a um tratamento médico, em Estrela do Sul, com um médico alemão, Dr. Marques Rudolf. Como o estado da paciente piorava gravemente a cada dia, o médico afirmou ao farmacêutico da localidade que a paciente, Dona Fitinha, estava completamente desenganada e à véspera da morte. Entretanto, ele o fez em caráter confidencial. Mas, o farmacêutico, amigo particular do

Corina Novelino

meu tio Aleixo Pereira de Resende, chamou-o reservadamente, e lhe disse o que ouvira do médico. Para a família, essa notícia foi um terrível abalo moral, dado o elevado conceito que o médico desfrutava na região.

Dá-se que um outro tio meu — Hermógenes Pereira de Resende — falecido, e que prezava a cunhada de maneira especial, por ter vivido desde a infância em sua companhia e da de seu irmão mais velho, Aleixo, fez uma promessa a Nossa Senhora da Abadia, de Água Suja, hoje Romaria, em favor da doente, e, à noite, sonhou que uma pessoa lhe mandara procurar Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento. Ao narrar o fato, na manhã seguinte, no meio familiar, provocou um protesto de todos, pois toda a família era extremamente católica. Espiritismo naquela época era coisa diabólica. Mas, mesmo assim, o meu valoroso tio, Hermógenes Pereira Resende, do qual guardo a mais saudosa lembrança, dirigiu-se a Sacramento. Viajou a cavalo, ida e volta, de Estrela do Sul a Sacramento. De passagem, devo frisar que tudo isso que me foi narrado por meu pai, me foi confirmado pelo tio Hermógenes. Ao chegar a Sacramento, após expor a Eurípedes Barsanulfo o motivo da viagem, recebeu apenas um vidro de remédio com a ordem de que não me demorasse na volta, pois que os guias espirituais informaram-lhe, a Eurípedes, que Dona Fitinha não iria morrer. Assim, ao chegar de volta a Estrela do Sul, a paciente Dona Fitinha tomou o medicamento. Daí a mais ou menos uma hora de prazo, começou a vomitar pus, copiosamente. A informação é de que ela vomitou quase um urinol de pus. Na manhã seguinte, o médico, ao comparecer para o exame habitual, encontrou a doente extraordinariamente melhor. Admirado com a reação da paciente, confirmara a meu tio a surpreendente melhora de Dona Fitinha, julgando mesmo que ela estava fora de perigo.

Entretanto, meu tio disse ao médico, claramente, toda a verdade, em palavras mais ou menos assim:

— Doutor, ela melhorou, mas não foi com seus remédios,

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

pois o farmacêutico me contou o que o Senhor lhe dissera, com relação a minha esposa, julgando-a desenganada”. A seguir, contou-lhe todas as ocorrências, mostrou-lhe o vidro de remédio que viera de Sacramento, enviado por Eurípedes Barsanulfo, e lhe mostrou o urinol que estava quase cheio de pus, que a paciente vomitara na véspera, à noite, depois de ter tomado o remédio de Eurípedes Barsanulfo. O médico ficou realmente surpreendido, mas não disse palavra que pudesse ofender alguém. Daí a alguns dias, a minha tia, Dona Fitinha, conseguiu voltar para a fazenda, bastante recuperada, pois viajou em montaria, o transporte usual da época.

Mais um caso, agora, de obsessão

Eis um outro fato, ocorrido em Sacramento, graças à mediunidade de Eurípedes Barsanulfo e o seu grande poder de cura.

Havia em Nova Ponte um senhor por nome Oliveiros Abadio de Santana. Em estado normal de saúde, este homem sobressaía-se, acima dos demais, por sua força física. Dá-se que, de um momento para outro, este homem ficou louco. Em Espiritismo, chama-se obsediado. Foram necessários diversos homens robustos para deterem esse desequilibrado e o amarrarem com cordas fortes. Assim foi possível conduzi-lo a Sacramento, para ser tratado por Eurípedes Barsanulfo. Ao chegar, no Colégio Allan Kardec, onde lecionava Eurípedes Barsanulfo, o acompanhante do obsediado, irmão do mesmo, recebeu ordens de Eurípedes para desamarrar o louco, visto que as cordas estavam ferindo-lhe os braços. O irmão do obsediado não quis atender Eurípedes, dizendo que eles eram impotentes para conter aquela "fera humana", se ficasse solta. Mas, com a

Corina Novelino

insistência e a autoridade moral de Barsanulfo, as cordas foram cortadas. Eurípedes permanecera na sua mesa de trabalho, numa extremidade da sala de aulas. Estando desamarrado, o louco avançou furiosamente para onde estava Eurípedes. Previa-se que Eurípedes ia ser atirado por uma das janelas do edifício. Mas, concentrando-se em Jesus, Eurípedes estendeu a mão para o obsediado e este, amainado em sua fúria, deitou-se suavemente aos pés de Eurípedes, começando a dormir logo em seguida. Devo esclarecer que conversei pessoalmente com o Senhor João Abadio, de Santana, irmão do obsediado referido, que me contou, pormenorizadamente, todas as ocorrências, confirmando tudo o que meu pai me havia dito a esse respeito. O paciente Oliveiros Abadio de Santana, após ser dominado em sua fúria por Eurípedes Barsanulfo, como acabei de relatar, permaneceu mais alguns dias em Sacramento, em tratamento com o médium, regressando depois a Nova Ponte, totalmente curado.

A previsão de Eurípedes

TenTamos, com a graça de Deus, narrar mais um fato mediúnico ocorrido com Eurípedes Barsanulfo;

Contou-me meu pai que, certa feita, em Sacramento, estando ele na farmácia de Eurípedes Barsanulfo, este o convidou, e mais alguns amigos, que o acompanhassem para ver um doente em estado muito mal. O convite ocorreu em razão do chamado de uma pessoa que viera pedir a Eurípedes para ir ver o doente. Assim, andaram algum tempo e lá, já bem distante na estrada, Eurípedes parou e disse para todos, de uma maneira algo surpreendente:

” — Meus amigos, não precisamos mais ir ver o doente, pois agora recebi uma comunicação espiritual de que o doente acabara de falecer.”

Todos ficaram surpresos mesmo porque, naquele tempo, esses fatos mediúnicos eram muito raros e o povo ignorava bastante as coisas acerca do Espiritismo e da Mediunidade. Entretanto, após a palavra de Eurípedes, todos se dispuseram de volta.

Mas, antes do reinício da caminhada, Eurípedes tornou a se pronunciar:

Corina Novelino

” — Amigos, apesar do paciente já haver falecido, é bom que continuemos a nossa caminhada até a sua residência, para fazermos preces e consolar os familiares”.

Assim, prosseguiram a viagem e, ao se aproximarem da casa, verificaram muito choro e muitas lamúrias por parte de todos. Após a chegada à residência do recém desencarnado, foram informados pelos familiares que, realmente, o enfermo para o qual Eurípedes havia sido chamado, desencarnara-se há poucos momentos. Meu pai, então, verificou, claramente, que este pequeno tempo informado pelos familiares sobre o desencarne do paciente, foi exatamente o momento em que Eurípedes recebeu a comunicação espiritual em meio ao caminho.

Uma sangria noturna

Prosseguindo na narrativa dos fatos maravilhosos de Eurípedes Barsanulfo, devo narrar mais um, presenciado por meu pai, descrito por ele com a confirmação de um tio que sofreu uma sangria por intervenção espiritual.

Disse meu pai que, certa vez, ele foi a Sacramento em companhia de um irmão, Aleixo Pereira de Resende, que foi conhecer Eurípedes exatamente por causa da cura maravilhosa de sua esposa Dona Fitinha.

Viajaram o dia todo a cavalo, de Nova Ponte a Sacramento e chegaram à tarde. Meu tio Aleixo Pereira de Resende era pletórico, isto é, muito sangüíneo. Tinha por hábito, de vez em quando, realizar uma sangria, para evitar derrame cerebral. Então, por causa da longa viagem e do calor, logo que chegou a Sacramento, pediu a Eurípedes que lhe fizesse uma sangria. Conta meu pai que o Sr. Eurípedes não o atendeu naquele momento, dizendo que, na manhã seguinte, iria à pensão, onde meu tio estava hospedado, para fazer a sangria.

Aconteceu que, na referida manhã, após dormirem a noite toda com a porta do quarto fechada, meu tio, bastante

Corina Novelino

surpreendido, chamou meu pai para ver uma grande quantidade de sangue no lençol. Meu pai informou-me que a mancha era grande e que o sangue deu para atravessar o lençol e manchar o colchão. Examinando meu tio, meu pai encontrou um sinal nas costas, revelando uma pequena incisão por onde escoara o sangue. Este fato me foi confirmado pelo próprio tio Aleixo Pereira de Resende.

Mais um caso de clarividência

Outro fato merece ser narrado. Provém de meu tio Uírias Pereira de Resende, já desencarnado. O fato é o seguinte:

Meu tio foi a Sacramento para tratar-se com Eurípedes Barsanulfo.

Numa tarde, estando ambos na farmácia, onde Eurípedes atendia os enfermos, Eurípedes dissera ao meu tio, que acabava de ser comunicado pelo espírito Bezerra de Menezes que um homem havia sido acidentado na estrada, e Eurípedes pediu ao meu tio que o ajudasse a socorrer a vítima.

Uírias julgou estranho aquele pronunciamento de Eurípedes Barsanulfo, mas resolveu aceitar o convite e ambos saíram, de charrete, estrada a fora.

Depois de percorrerem alguns quilômetros, encontraram um homem caído numa valeta, gemendo muito e com uma perna quebrada. Meu tio ajudou Eurípedes a colocá-lo na charrete e voltaram para Sacramento, onde o paciente foi devidamente atendido e medicado por Eurípedes Barsanulfo.

Não era preciso o remédio

Passaremos a seguir à narrativa de mais um fato que evidencia, sem sombra de dúvida, a mediunidade de Eurípedes Barsanulfo. Antes, porém, devo deixar esclarecido que este fato, como os demais, são do conhecimento imediato de meu pai, cuja ocorrência me foi narrada pormenorizadamente por ele.

Trata-se do seguinte:

Havia, em Nova Ponte, um doente que há muito se tratava sem qualquer sintoma de melhoria. Uma pessoa amiga da família resolveu ir a Sacramento buscar um remédio de Eurípedes Barsanulfo. Embarcou na estrada de ferro Mogiana, na estação de Palestina, que dista de Nova Ponte cerca de 60 quilômetros.

De Palestina, no mesmo dia, o portador foi à estação de Cipó (Mogiana), próxima de Sacramento, tendo lá chegado por transporte rodoviário. Teve que pernoitar em Sacramento para procurar os remédios com Eurípedes, que lhe afirmara:

” — Não precisa mais de remédios, meu amigo, pois o doente

Corina Novelino

lá de Nova Ponte já desencarnou”.

Porém, como o cidadão insistisse, Eurípedes respondeu:

” — Bem, dar-lhe-ei os remédios, mas com o compromisso de você mesmo os ministrar ao doente vivo”.

No dia seguinte, o portador voltou-se à estação de Palestina, de onde deveria chegar a Nova Ponte.

Contudo, chegando a Palestina, na pensão onde se hospedou, alguns viajantes provenientes de Nova Ponte relataram espontaneamente que, no dia de véspera, tiveram que assistir a um enterro. Era exatamente o doente X, para o qual o portador estava trazendo remédios. Este ficou completamente alarmado diante da exatidão da informação que Eurípedes Barsanulfo lhe dera, por via mediúnica, sobre aquela morte. E, mais apreensivo ficou, porque ele havia assumido o compromisso de dar, ele mesmo, os remédios ao doente.

Um jovem desenganado

Devo ressaltar que sempre procurei investigar os chamados fatos miraculosos e verídicos de Eurípedes Barsanulfo, não somente nos meios Espíritas, mas também em outras fontes independentes e até mesmo com pessoas de outras religiões que o conheceram. Ninguém ousou, até hoje, na pesquisa que fiz através dos anos, levantar a voz para contradizer qualquer informe maravilhoso de que se fala a respeito deste espírito luminar. Ao contrário, todos são unânimes em afirmar que se trata de uma criatura extraordinária, de um personagem transcendental, de um autêntico Apóstolo do Bem e da Caridade: um Missionário do Cristo, derramando o bem, a luz e a caridade durante toda a existência, dedicada ao amparo do sofrimento humano. Inteligência das mais privilegiadas, que, não tendo feito curso algum, empolgou pelas maravilhosas curas realizadas e pelas polêmicas gloriosas sustentadas, mesmo com os vultos mais proeminentes da Igreja Católica no Brasil, atacado que sempre foi, inexoravelmente, por defender a doutrina de Jesus, à

Corina Novelino

luz da Terceira Revelação: O ESPIRITISMO.

Assim, vou narrar mais um fato do qual tive conhecimento involuntariamente, há pouco tempo, no Hotel Providência, do Barreiro, em Araxá, Minas Gerais. Estando ali em descanso, certo senhor por nome Dr. Paulo Portinari, advogado em Ribeirão Preto, que desconhecia ser eu um Espírita disse-me, espontaneamente:

— Doutor, neste mundo há coisas que surpreendem a gente! O senhor já ouviu falar em um tal Eurípedes Barsanulfo, em Sacramento?

Eu, respondi-lhe friamente:

-já.

Pois, olhe doutor, aquele homem fez uma cura sensacional em minha família: Tenho eu um sobrinho, que já havia sido desenganado por grandes médicos, em São Paulo. Voltando para Ribeirão Preto, ninguém esperava nada mais do moço, a não ser a morte.

Então resolvemos pedir remédios, em Sacramento, a Eurípedes Barsanulfo, cujo nome projetava-se, na época, pelas maravilhosas curas realizadas. Vindo os remédios, meu sobrinho experimentou melhora dia-a-dia. Conseguiu recuperar-se totalmente. Tornou-se um homem forte, muito sadio. Hoje, é pai de numerosos filhos, em Ribeirão Preto”.

Um caso de asma

Para encerrar a minha humilde colaboração a esta obra sobre os casos de Eurípedes Barsanulfo, vou contar um fato referente ao meu filho mais novo, atualmente com seis anos de idade, quando, mais ou menos a um ano de idade, começou a sofrer uma manifestação asmátiforme muito intensa. Padecia falta de ar, especialmente à noite, e eu tinha de me levantar e andar com ele algumas horas pela madrugada para que conseguisse dormir. Entreguei-o a um colega muito ilustre desta cidade, Dr. Rui Moreira da Silva, cuja competência foi sempre por mim sobejamente reconhecida, desde o tempo de estudante na Faculdade de Medicina da UMG, em Belo Horizonte, pois fomos colegas da turma de 1948. Dr. Rui dedicou-se ao caso com todo o carinho e atenção que lhe são peculiares. O menino não apresentava melhoras satisfatórias. Mandou que se tirassem radiografias. Elas foram feitas aqui por nosso também ilustre e muito caro colega, Dr. Geraldo Campos Valadares. Resultado: constatou-se um enorme aumento da área cardíaca. O coração estava hipertrofiado (Cardiomegalia). Ambos os colegas, Dr. Rui e Dr. Geraldo, dando-me um apoio moral, compreendendo

Corina Novelino

o transe doloroso pelo qual eu estava passando, mandaram-me levar o menino imediatamente para São Paulo. Em lá chegando, alguns cardiologistas ilustres acharam que se tratava de um caso de Fibroelastose, uma degeneração irreversível e, portanto, inapelável. O prognóstico era de que o menino talvez não passasse dos dois anos de idade. Não precisamos dizer que a minha esposa ficou inconformada e em completo descontrole emocional. Mas eu, mais tranqüilo e, confiante na grandeza suprema de Deus, disse-lhe:

” — Deus é Onipotente e, portanto, para ELE não há o impossível no dicionário da Criação”. Voltamos ao Hotel e, após as minhas orações à minha sempre querida Mãe Maria Santíssima, dirigimo-nos ao Hospital das Clínicas de São Paulo. Fomos carinhosamente recebidos e bem tratados. Depois de mais ou menos uns doze dias consumidos em variados tipos de exames exigidos, analisados e discutidos por vários médicos, um ilustre e inesquecível colega, cujo nome permanece gravado no meu coração e no da minha esposa em caracteres cintilantes de gratidão, Dr. Munir, concluiu o seguinte: A cardiomegalia, a dilatação enorme do coração, cujo tamanho ocupava quase toda área extremamente grave, porém admitia justa tentativa de tratamento, embora sem grandes esperanças. Mas, o fato singular é o seguinte: Numa certa tarde, quando estávamos no apartamento do hotel, antes mesmo que, no Hospital das Clínicas chegassem a um diagnóstico, meu filho sofreu uma crise terrível. Foi vítima de uma angustiante dispnéia (falta de ar), de uma tosse intensíssima e de taquicardia extrema; os batimentos cardíacos eram visíveis à flor do peito. O menino foi vítima de uma angústia pavorosa e de uma agitação incontrolável: tornou-se pálido e seus lábios tornaram-se esbranquiçados. Ora, eu também tenho alguma experiência em clínica de crianças e verifiquei que aquela descompensação aguda do coração levaria fatalmente o meu filho à morte, pois, naquele momento dramático, não seria possível qualquer tentativa de terapêutica eficaz. Não havia tempo para

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

qualquer providência, mesmo porque desabava sobre São Paulo uma tempestade imensa e nenhum carro havia na rua do hotel. Então, o que fiz?...

Meu pai sempre se referia ao valor da água fluida, principalmente da água milagrosa que Eurípedes oferecia aos seus enfermos. Então, quase em desespero, locado de profunda dor por ser médico e nada poder fazer em benefício do meu filhinho às garras da morte, pus meio copo d'água sobre a mesa, pedi a presença espiritual de Eurípedes Barsanulfo e orei a Nossa Senhora. Supliquei-lhe que solicitasse ao amado filho, Cristo Jesus, para que nos amparasse naquele instante e derramasse um remédio naquela água para salvar o meu filho. Tudo isso eu o fiz em prantos. Lembrei-me de uma frase que guardo com a mais terna recordação do meu tempo de Congregado Mariano:

”Tudo a Deus por Jesus e tudo a Jesus por Maria”.

Recomendei a minha esposa, ela em quase desespero, que desse a água a meu filho, e eu confesso que saí à rua, sob forte tempestade, para conseguir algum remédio em uma farmácia que pudesse ao menos aliviar a tosse do garoto.

Quando voltei, daí a uns quinze ou vinte minutos, pus a mão no trinco da porta e fui abrindo devagarzinho, esperando deparar com o lamentável quadro do meu filho morto. Mas, minha esposa, sentada tranqüilamente à beira do leito infantil, disse-me:

” — O José dormiu depois de beber a água”.

Cessaram a dispnéia, a tosse, a taquicardia; os lábios se tornaram róseos, e o menino dormia tranqüilamente.

É esta a colaboração sincera e humilde que posso apresentar àqueles que tiveram a feliz iniciativa de escrever uma obra sobre a vida de Eurípedes Barsanulfo. Confesso, também, ao mesmo tempo, os motivos que me trouxeram ao Espiritismo, com referência especial à cura de meu filho, hoje, perfeitamente sadio, aos seis anos de idade.

Na última viagem que empreendi a S. Paulo, em visita ao

Corina Novelino

Hospital das Clínicas, passados mais ou menos dois anos, o ilustre D. Munir, fazendo um estudo comparativo de todas as radiografias tiradas, inclusive da última em que o coração do meu filho voltou ao tamanho normal, tendo o menino recebido alta, curado, disse-me e a minha esposa e mais a alguns colegas médicos e alunos que presenciavam a demonstração do caso:

” — A gente sente, nesta cura maravilhosa, um caso jamais visto nesta clínica, que houve o dedo de Deus”.

Estes casos foram relatados pelo médico, Doutor José Pereira de Resende, residente em Monte Carmelo, aos 27 de Junho de 1974.

Uma doença chamada nove meses

Estando doente e me tratado com diversos médicos e não sentindo melhoras, meu marido queria me levar para S. Paulo, para fazer tratamento. Eu não concordei, pois não queria morrer longe de meus filhos. Passados uns dias, ele me perguntou se eu gostaria que ele escrevesse a Seu Eurípedes, pedindo-lhe remédio. Respondi-lhe afirmativamente e, com urgência, lá estava o medicamento receitado. Comecei o tratamento e senti melhora. Retornei para minha casa e continuei tomando remédio.

Fui a uma festa escolar e lá comecei a sentir dores muito fortes. Levaram-me para minha casa. Fiquei acamada uns dias e, quando me levantei, estava curada. Todos ficaram perplexos. No mesmo dia, meu marido foi ao correio. Havia uma carta de Seu Eurípedes, dizendo que eu tinha sido operada pelo Dr. Bezerra de Menezes e que, na nossa farmácia, havia dois frascos de remédio que eu deveria usar. Fiz o solicitado e, graças a Deus, fiquei boa.

Corina Novelino

Passados uns meses, meu marido ficou doente. Fomos, então, a Sacramento, pois ele queria ficar perto de Eurípedes Barsanulfo. Lá estivemos por dois meses. Um dia, Eurípedes foi visitar meu marido. Achou-o melhor. Pedi-lhe que prescrevesse uma receita para mim. Disse-me que minha doença era dos nove meses, e que era menino; eu seria muito feliz.

Quando "chegou o tempo", ele enviou-me uma receita para tomar no início das dores. Assim o fiz e fui muito feliz, graças a Deus.

Ficamos hospedados no Hotel de sua irmã, Dona Mariquinha. Todos os dias, quando Seu Eurípedes passava para o trabalho no Colégio, levava-me consigo. Passava o dia todo no colégio e voltava às 3 horas. Um dia, quando lá estava, senti muita dor de cabeça. Eurípedes chamou uma aluna, deu-lhe um comprimido e um copo d'água e mandou-me que tomasse e que logo estaria boa. Fiquei admirada porque não lhe havia falado coisa alguma.

Quando chamamos Seu Eurípedes para padrinho de nosso filho, respondeu agradecendo, e considerou que o nome dado ao menino pelo Dr. Bezerra de Menezes era Ilce, dado por sua protetora.

Correu a notícia que Seu Eurípedes havia escrito uma carta a meu marido, pedindo-lhe que levasse o menino para batizar, porque a guerra ia acabar em novembro e ele iria desencarnar.

Tudo isso aconteceu, mas nós não recebemos a carta.

Alguém, por certo, abriu-a, leu-a e espalhou a notícia, porque o pessoal estava sumamente zangado por eu me tratar com o Espiritismo

Estava um dia em casa de Eurípedes, quando chegou um homem a solicitar-lhe uma visita doméstica, pois, sua mulher estava passando mal. Respondeu-lhe que não iria, pois a doente já havia adoecido. O parto fora feliz e ela passava bem.

Laurinda Santos Macedo. Franca, 09. outubro. 1974

Glossário

Achamos de bom alvitre inserir um pequeno glossário, conceituando algumas mediunidades de Eurípedes a fim de facilitar ao leitor o entendimento dos casos. Aqui, nada nos pertence. Colhemos nas obras espíritas escritas por Kardec e por estudiosos do fenômeno mediúnico.

BILOCAÇÃO — A bilocação não é uma faculdade mediúnica mas um fato que se verifica em determinadas circunstâncias e decorre do desdobramento, pois, para encarnados, não pode ocorrer bilocação, sem exteriorização do Espírito. Um exemplo clássico: Apolônio de Tiana, estando em Éfeso, falando em uma reunião, calou-se repentina mente, e, em seguida, passou a anunciar o assassinato do imperador. Nesse momento, presente em Roma intervinha, gritando: "Morte ao tirano!"

O fenômeno, do ponto de vista mediúnico, é sempre passageiro e tem dois aspectos consecutivos e complementares: desdobramento, no primeiro, e incorporação, vidência ou materialização, no segundo.

A faculdade, que a alma possui, de emancipar-se e de

Corina Novelino

desprender-se do corpo durante a vida pode dar lugar a fenômenos análogos aos que os Espíritos desencarnados produzem. Enquanto o corpo se acha mergulhado em sono, o Espírito, transportando-se a diversos lugares, pode tornar-se visível e aparecer sob forma vaporosa, quer em sonho, quer em estado de vigília... Por muito extraordinário que seja, tal fenômeno se compreende na ordem dos fenômenos naturais, pois que decorre das propriedades do perispírito e de uma lei natural. Foi este fenômeno, aliás, muito raro, que deu origem à crença nos homens duplos. Pode, igualmente, apresentar-se sob forma tangível, ou, pelo menos, com uma aparência tão idêntica à realidade, que possível se torna a muitas pessoas estar com a verdade, ao afirmarem tê-lo visto ao mesmo tempo em dois pontos diversos. Ele, com efeito, estava em ambos, mas apenas num se achava o corpo verdadeiro, achando-se, no outro, o Espírito. Para Edgard Armond, bilocação seria o fenômeno mediante o qual se constata a presença de um mesmo Espírito encarnado, em dois lugares, aparentemente (sem ubiquidade) ao mesmo tempo. Edgard Armond.

Mediunidade -

BICORPOREIDADE - fenômeno pelo qual, isolado do corpo, o Espírito de um vivo pode, como o de um morto, mostrar-se com todas as aparências da realidade. Pode adquirir momentânea tangibilidade. Livro dos Médiuns

CLARIVIDÊNCIA - faculdade de conhecimento extrasensorial consistente em pacientes, em estado sonambúlico, de transe ou de vigília, perceberem imagens ou acontecimentos a longa distância - conseqüentemente por meio de obstáculo, isto é, corpos opacos.

DESDOBRAMENTO - é o processo de exteriorização do perispírito e dele decorrem vários outros fenômenos, de nomes bizarros... que os investigadores de psiquismo indevidamente

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

entronizam em separado e de forma independente. No desdobramento, o Espírito, no veículo menos denso do perispírito, abandona o corpo carnal ao qual permanece ligado pelo cordão umbilical fluídico. Nesse estado de relativa liberdade, análogo ao sono, passa a agir de certa forma e pode afastar-se a consideráveis distâncias... O desdobramento pode ser consciente ou inconsciente, segundo seja voluntário ou compulsório e, como ambos os casos interessam igualmente, vamos e numerar alguns detalhes e... tratar... do fenômeno inconsciente. Este tanto pode ser provocado por encarnados como por desencarnados que, comumente, utilizam-se de processos hipnóticos, mergulhando o paciente em sono sonambúlico. Podem ocorrer em casos de morbidez psíquica; emoções profundas, depressões graves, misticismo exagerado, desejo de desencarne, etc, quando o indivíduo, por efeito desses estados anormais, fica sujeito a forças estranhas e imprevistas. Obras Póstumas. FEB

É fato hoje comprovado e perfeitamente explicado que o Espírito, isolando-se de um corpo vivo, pode, com auxílio do seu envoltório fluídico-perispíritico, aparecer em lugar diferente do que está o corpo material. Até o presente, porém, a teoria, de acordo com a experiência, parece demonstrar que essa separação somente durante o sono se dá, ou, pelo menos, durante a inatividade dos sentidos corpóreos. Se não exatos, os fatos... provam que ela igualmente se produz no estado de vigília. „

MÉDIUM - diz-se dos intérpretes incumbidos de transmitir aos homens os ensinamentos dos Espíritos; ou melhor, são os órgãos materiais de que se servem os espíritos para se expressarem aos homens por maneira inteligível. Santa é a missão que desempenha, visto ter por fim resgatar os horizontes da vida eterna. O Evangelho segundo o Espiritismo. Os espíritos vêm instruir o homem sobre seus destinos, a fim de o encaminhar para a senda do bem e não para o poupar ao trabalho material, que lhe cumpre executar neste mundo, tendo por meta o seu

adiantamento, nem para lhe favorecer a ambição e a cupidez. **Aí** têm os médiuns o de que devem compenetrar-se bem, para não fazerem mal uso de suas faculdades. Aquele que, médium, compreende a gravidade do mandato de que se acha investido, religiosamente o desempenha... O médium que queira gozar sempre da assistência dos bons Espíritos tem que trabalhar por melhorar-se. O que deseja que a sua faculdade se desenvolva e engrandeça tem que se engrandecer moralmente e que se abster de tudo o que possa concorrer para desviá-la de seu fim providencial. Se, às vezes, os Espíritos bons se servem de médiuns imperfeitos, é para dar bons conselhos, com os quais procuram fazê-los tomar a estrada do bem. Se, porém, topam com corações endurecidos e se suas advertências não são escutadas, afastam-se, ficando livre o campo aos maus... O médium que compreende o seu dever, longe de orgulhar-se de uma faculdade que não lhe pertence, visto que lhe pode ser retirada, atribui a Deus as boas coisas que obtém. Se as suas comunicações receberem elogios, não se envaidecerá com isso, porque as sabe independentes do seu mérito pessoal; agradece a Deus o haver consentido que por seu intermédio bons Espíritos se manifestassem. Dão-se lugar à crítica, não se ofende, porque não são obra do seu próprio Espírito. Ao contrário, reconhece no seu íntimo que não foi um instrumento bom e que não dispõe de todas as qualidades necessárias a obstar a influência dos Espíritos atrasados. Cuida, então, de adquirir essas qualidades e suplica, por meio da prece, as forças que lhe faltam. Evangelho segundo o Espiritismo.

Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizos e de erros clamorosos. Quase sempre, são espíritos que tombaram dos cumes sociais, pelos abusos do poder, da

Lindos Casos da Mediunidade de Eurípedes

autoridade, da fortuna e da inteligência, e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor de grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude. São almas arrependidas que procuram arrebanhar todas as felicidades que perderam, reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia. Pérolas do Além, de Silvio Brito Soares.

Todo aquele que sente, num grau qualquer a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. E de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações...Todas estas variedades de médiuns apresentam uma infinidade de graus em sua intensidade. Muitas há que, a bem dizer, apenas constituem matizes, mas que, nem por isso, deixam de ser efeito de aptidões especiais. O Livro dos Médiuns.

MÉDIUM RECEITISTA - tem a especialidade de servir mais facilmente de intérprete aos Espíritos para as prescrições médicas. Importa não confundir com médium curador.

MÉDIUM CURADOR - o que tem, o poder de curar ou de aliviar o doente, pela só imposição das mãos, ou pela prece.

VIDÊNCIA — faculdade caracterizada pela visão que o médium vidente tem de seres desencarnados ou de coisas pós-tumulares.

112

Fim.

NOTA DA CORAGEM

Não te afastes da paciência quando as dificuldades se agravarem.

Ainda que provações inesperadas te espanquem o coração, conserva a serenidade e segue adiante, agindo e servindo.

Pensa nos que perderam a fé e tropeçaram na violência; medita nos que tombaram em desespero e resvalaram na loucura.

O verbo que te vergasta pode ser enfermidade em forma de insulto e a mão que te golpeia estará provavelmente sob o impulso das trevas.

A coragem não é revidar, nem cair na exibição de poder. A coragem

verdadeira ergue-se da compreensão e da bênção, quando o desequilíbrio tenta assaltar-te.

.; Em qualquer circunstância, escora-te no esforço de resguardar o bem.

Quando estiveres a ponto de pronunciar qualquer frase irrefletida ou de empreender a mínima ação contra os outros, ora e silencia, porque o céu te ouve e Deus te sustentará.

Meimei

Psicografia de Francisco Cândido Xavier

DISSERAM

Que não vencerás em teus empreendimentos;

Que o teu doente querido está no clima da morte;

Que atravessarás longa noite de provas;

Que não mais encontrarás o trabalho que mais desejas;

Que não te recuperarás de certas perdas sofridas;

Que não realizarás os sonhos que acalentas;

Que os entes amados distantes de ti nunca mais te voltarão ao convívio;

Que o desgaste do corpo físico não mais te permitirá as realizações que tanto almejas;

Que, por essa ou aquela falta, andarás sobre a Terra constantemente sobre pedras e espinhos.

Tudo isso disseram...

Entretanto, continua agindo e servindo, orando e esperando, porque as opiniões de Deus são diferentes.

Emmanuel

Médium: Francisco Cândido Xavier

LEIA KARDEC

Para uma travessia segura e serena pelas agruras da vida terrena, a leitura dos livros de Allan Kardec apresentam-se como .guias eficazes para nossas necessidades, cotidianas, fundamentando os determinismos de nossas vidas e são os consoladores das dores de nosso espírito.

Não deixe de ler, diariamente, O Evangelho Segundo o Espiritismo. Ele é a restauração dos ensinamentos do Cristo, em toda a sua pureza.

está disponível em nosso endereço eletrônico mais mensagens ditadas por EMMANUEL:

www.casadepaijaco.com.br